



Mariana Aranha Magalhães Costa

**Uso e percepção de áreas verdes em grandes cidades:
estudo de caso em dois parques urbanos no
Rio de Janeiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Engenharia Urbana e Ambiental da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana e Ambiental.

Orientador: Prof. Rogério Ribeiro de Oliveira

Co-orientadora: Profa. Adi Estela Lazos Ruiz

Rio de Janeiro
Julho de 2016



MARIANA ARANHA MAGALHÃES COSTA

**Uso e percepção de áreas verdes em grandes cidades:
estudo de caso em dois parques urbanos no Rio
de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana e Ambiental (opção profissional) pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana e Ambiental da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Rogério Ribeiro de Oliveira
Presidente / Orientador
Departamento de Geografia - PUC-Rio

Profa. Adi Estela Lazos Ruiz
Co-Orientador
PUC-Rio

Prof. Rafael Soares Gonçalves
Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Marcela Stuker Kropf
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Prof. Márcio da Silveira Carvalho
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
do Centro Técnico Científico – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Mariana Aranha Magalhães Costa

Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2010. Durante a faculdade, realizou um intercâmbio com a FAUTL (Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa) e foi monitora da disciplina projeto do espaço de trabalho. Obteve um MBA em empreendedorismo e desenvolvimento de novos negócios pela FGV-Rio (Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro). Parte desta pesquisa foi apresentada e publicada em formato de artigo intitulado “Análise Qualitativa de Áreas Verdes em Grandes Centros Urbanos” no II Encontro Nacional de Tecnologia Urbana (ENURB), na Universidade de Passo Fundo, e sob o título “*The role of public parks in the creation of an urban identity*” no 4th Annual International Conference on Architecture and Civil Engineering, em Singapura.

Ficha Catalográfica

Costa, Mariana Aranha Magalhães

Uso e percepção de áreas verdes em grandes cidades : estudo de caso em dois parques urbanos no Rio de Janeiro / Mariana Aranha Magalhães Costa ; orientador: Rogério Ribeiro de Oliveira ; co-orientadora: Adi Estela Lazos Ruiz. – 2016.

97 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Engenharia Civil, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana e Ambiental, 2016.

Inclui bibliografia

1. Engenharia Civil – Teses. 2. Engenharia Urbana e Ambiental – Teses. 3. Parques urbanos. 4. Rio de Janeiro. 5. Áreas verdes. 6. Percepção. 7. Bosque da Barra. I. Oliveira, Rogério Ribeiro de. II. Lazos Ruiz, Adi Estela. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana e Ambiental. IV. Título.

CDD: 624

Agradecimentos

Ao meu orientador Rogério Ribeiro de Oliveira e a minha co-orientadora Adi Lazos, por todo o apoio, entusiasmo e orientação. Pela paciência com as revisões de texto, pela disponibilidade para reuniões ao longo do processo, pela ajuda com a preparação de apresentações para congressos e inclusive pela participação nas visitas e entrevistas nos parques estudados.

À equipe de professores do curso Mestrado Profissional em Engenharia Urbana e Ambiental da PUC-Rio. Um agradecimento especial à Paula Enoy, secretária do curso, por sua disponibilidade e simpatia.

Ao professor Celso Romanel, por toda a sua ajuda ao longo do curso e durante o processo de revisão e formatação final da dissertação.

Aos membros da banca Marcela Stuker Kropf e Rafael Soares Gonçalves, pela leitura e contribuição para a versão final da dissertação.

Aos colegas do mestrado, pela parceria nas aulas e nos congressos em que tive a chance de apresentar parte deste trabalho.

Ao arquiteto Ruy Rezende, Heloisa Dantas e toda a equipe do Parque Madureira. Agradeço pela oportunidade de participar nesse projeto e por toda a orientação ao longo do processo. Este projeto foi fundamental para despertar o meu interesse pelo tema de áreas verdes e parques urbanos.

Aos meus pais Ana Maria e Maurício Magalhães Costa, profissionais de formação acadêmica que sempre me estimularam nas pesquisas e no interesse pelos estudos. Agradeço especialmente à Ana, por sua ajuda em revisões de texto, preparação de apresentações e questionamentos críticos ao longo do processo.

Ao Raphael, pelo apoio e pela companhia, inclusive no trabalho de campo.

Aos demais amigos e familiares que me ajudaram nessa trajetória.

Resumo

Costa, Mariana Aranha Magalhães; Oliveira, Rogério Ribeiro de (Orientador); Ruiz, Adi Estela Lazos (co-orientadora). **Uso e percepção de áreas verdes em grandes cidades: estudo de caso em dois parques urbanos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2016. 97p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Engenharia Civil, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Uso e percepção de áreas verdes em grandes cidades: Estudo de caso em dois parques urbanos no Rio de Janeiro. A existência de áreas verdes nas cidades, sobretudo na forma de parques urbanos, é destacada como um fator determinante para a qualidade de vida local pois, além de oferecer um espaço para o convívio e o lazer da população, estas áreas proporcionam um embelezamento da paisagem e uma série de serviços ambientais que contribuem para a melhoria do clima local. A fim de identificar as características vitais para o bom funcionamento destes espaços, foram analisadas seis cidades reconhecidas como referências em termos de políticas públicas de áreas verdes: Curitiba, Freiburg, Londres, Nova Iorque, Seul e Singapura. Desta primeira análise, tornou-se evidente a importância de uma abordagem à escala da cidade e a importância da participação da população na implantação dessas medidas. Em um segundo momento, foram analisados dois dos maiores parques da cidade do Rio de Janeiro: o Parque do Flamengo e o Bosque da Barra. Objetivou-se entender o papel dos parques numa cidade cuja identidade já é fortemente associada ao seu patrimônio natural. Foram conduzidas entrevistas presenciais com os usuários dos parques e uma enquete *'online'* com a população carioca para entender a percepção da população sobre estes espaços. Nestas entrevistas, foi observada uma diferença entre a percepção dos usuários dos parques e dos entrevistados no meio virtual. Coletar as opiniões das pessoas é importante para adequar a cidade aos desejos e às reais necessidades da população.

Palavras-chave

Parques Urbanos; Rio de Janeiro; Áreas Verdes; Percepção; Bosque da Barra

Extended Abstract

Costa, Mariana Aranha Magalhães. Oliveira, Rogério Ribeiro de (Advisor); Ruiz, Adi Estela Lazos (Co-advisor). **Use and perception of green urban spaces in cities: a case study of two public parks in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2016. 97p. MSc. Dissertation – Departamento de Engenharia Civil, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Green urban spaces, especially in the form of urban parks, are perceived as vital elements for the general well-being within a city. These spaces provide the population with a place for leisure and social interactions, as well as with the embellishment of the landscape and a wide range of environmental services that contribute the local climate.

In order to understand the role of urban parks in cities, six cities that stand out as accomplished examples in urban planning were analyzed. The cities selected for this analysis were Curitiba, Freiburg, London, New York, Seoul and Singapore.

From this first analysis, it became clear that a systemic vision in urban planning is of utmost importance. The proportion of green area per inhabitant should not only consider the overall dimensions of these spaces, but also their distribution throughout the urban territory. Measures that encourage a more homogeneous distribution include linear parks and green corridors, which create a unique circuit within the city, one where people can walk from one park to the other.

The success of green urban spaces in these cities depends heavily on the cooperation between the population and the local government. Curitiba, for example, managed to preserve and expand the city's green coverage through conscious environmental policies and through local campaigns that involved the population in the care for these spaces. In London and New York, we could also find examples of campaigns in which the population took an active part in the planting of trees in public spaces. When the population gets involved, their sense of identity and the bond with the local community becomes stronger. This sense of belonging is essential to ensure the presence of people in public space, an aspect that directly influences the feeling of safety in the urban environment.

Accessibility is another vital aspect to ensure the presence of people in public space. New York's urban plan, the PLANYC, determines that every citizen

must live within a 10 minute walk from a park since recent studies show that people prefer to go to parks that they are able to reach on foot. Green corridors, such as the ones in Singapore or Seoul, ensure easy access for a greater population since they cross different neighborhoods within the city. These green corridors also guarantee flora continuity and the migration of certain species such as birds and insects. The systemic vision in urban planning, therefore, is essential for accessibility and democratization of these public spaces.

From the key points observed in this first analysis, focus was given to two urban parks in Rio de Janeiro City. The city of Rio de Janeiro is known for its natural beauty. Listed as a UNESCO heritage in 2012, Rio de Janeiro's landscape has more than 40 beaches along its coastline, forested massifs, as well as mangroves and salt marshes.

The analyzed parks, the *Flamengo Park* and the *Bosque da Barra*, are both flat coastal parks, with similar size. Despite their similarities, the parks' distinct geographic locations within the city bring forward differences in accessibility and the local surroundings, variables that interfere with the use and the population's perception of these places. Their historic foundation is also entirely different – while the *Bosque da Barra* is a natural reserve, the *Flamengo Park* is set on a landfill. Through on-site observation and interviews with users, it was possible to understand the uses and the population's general perceptions towards these parks.

The research and interviews on both parks were carried out in two ways. Firstly, through a research in order to gather information regarding the history, the area, the local population (number of residents and GDP), land use and the green cover in the neighborhood. Public transport stations near the parks were identified, in addition to a description of the parks' equipments (cultural, historical, services, education).

In a second moment, interviews were conducted onsite with the visitors. The main purpose of the interviews was to understand the perception of the parks' users. In total, forty people took part in the interviews, which took place in four separate visits to both parks in January, 2016.

During the same period, an online survey was conducted with the local population. The goal was to understand how the distance from the parks interfered in people's perceptions about the same places. We also wanted to obtain the opinions from those who do not regularly attend these spaces. The online survey was created through the SurveyMonkey platform and sent out through social media, such as facebook and email.

Through a comparison between the answers of the online survey and the personal interviews, a contrast was noted in the perception of visitors when they are in the park and when they are not there. On site, we noticed a predominance of positive terms such as 'beautiful' and 'tranquil' when referring to both the *Bosque da Barra* and the *Flamengo Parks*. *Bosque da Barra* did not receive a single negative term. On the online survey, however, there were far more negative terms among the parks' descriptions. When we asked people to describe the *Flamengo Park*, the most common terms used were 'unsafe' and 'dangerous', while the *Bosque da Barra* was described as 'far' and 'distant'.

Among the cities studied in the first research, it was observed that many of them are already complementing the public space experience with the digital medium. This is done by offering wifi connections, by creating applications or by interacting with the population through social media. The parallel public sphere is becoming an interesting way to complement and enrich the use of these urban spaces. In the case of the analyzed Brazilian parks, a clear difference between the presence of the *Bosque da Barra* and *Flamengo Park* on the internet was identified. Even if the *Bosque da Barra* has a more environmental purpose than social, and therefore less need to publicize events, a more active presence on the internet could contribute for the environmental education and for a better understanding of the local vegetation. One of the great challenges of this research was indeed in finding information on the protected species in *Bosque da Barra*.

This study was important to analyze the use and conditions of the urban parks in Rio de Janeiro, but also to hear the public opinion of those who attend these spaces. From these interviews, one can envision a future for green areas not only by assumptions, but from the real claims and comments from the users. If public

environmental policies are transparent and count with the cooperation of the local community, urban parks may hold a key role in the composition of urban identity.

Keywords

Urban Parks; Rio de Janeiro; Green Spaces; Perception; Bosque da Barra.

Sumário

1.	Introdução e objetivos	12
1.1.	Motivações	13
2.	Revisão Teórica	15
2.1.	Conceitos	15
2.2.	A Evolução do Espaço Urbano e a Presença da Natureza nas Cidades	20
2.3.	Estratégias Sustentáveis no Planejamento Urbano	24
2.4.	O Espaço Público e a Identidade na era digital	26
2.5.	Identidade das cidades na era digital	27
3.	Procedimentos Metodológicos	29
4.	Resultados e Discussão	34
4.1.	Políticas Urbanas de áreas verdes em grandes cidades	34
4.1.1.	Curitiba	35
4.1.2.	Freiburg	36
4.1.3.	Londres	37
4.1.4.	Nova Iorque	38
4.1.5.	Seul	40
4.1.6.	Singapura	41
4.2.	Parques no Rio de Janeiro	43
4.2.1.	Sobre o Rio de Janeiro	43
4.2.2.	Bosque da Barra	44
4.2.3.	Parque do Flamengo	46
4.3.	Questionários presenciais	50
4.4.	Entrevistas 'online' com cariocas sobre Parques da Cidade	63
4.5.	Comparativo entre as respostas presenciais e do questionário online	73
5.	Conclusões	78
6.	Considerações Finais	83
7.	Referências Bibliográficas	84
8.	Apêndice	88

Lista de Figuras

Figura 01 - Localização do Bosque da Barra e Parque do Flamengo	31
Figura 02 - Localização das cidades analisadas	34
Figura 03 - Vista aérea do Bosque da Barra	44
Figura 04 - Vista aérea do Bosque da Barra	44
Figura 05 - Fotos tiradas nas visitas ao Bosque da Barra	45
Figura 06 - Fotos tiradas nas visitas ao Bosque da Barra	45
Figura 07 - Localização dos parques na cidade com limites dos bairros	46
Figura 08 - Fotos tiradas no Parque do Flamengo durante as visitas	47
Figura 09 - Fotos tiradas no Parque do Flamengo durante as visitas	47
Figura 10 - Vista aérea do Parque do Flamengo	48
Figura 11 - Demonstração de ocupação do Parque do Flamengo	48
Figura 12 - Idade dos entrevistados nos parques	49
Figura 13 - Frequência que os usuários vêm aos parques	50
Figura 14 - Distância percorrida pelos entrevistados ao parque	52
Figura 15 - Modo de transporte utilizado para vir ao parque	53
Figura 16 - Outros parques no Rio de Janeiro citados pelos visitantes	55
Figura 17 - Atividades realizadas nos parques	56
Figura 18 - Termos utilizados para descrever o Bosque da Barra	60
Figura 19 - Termos utilizados para descrever o Parque do Flamengo	61
Figura 20 - Busca pelo parque na internet	62
Figura 21 - Idade dos participantes da enquete online	63
Figura 22 - Respostas do questionário <i>online</i> : Bairro onde moravam	64
Figura 23 - Nuvem de palavras de outros parques citados pelos visitantes	65
Figura 24 - Frequência que os entrevistados vão a parques	66
Figura 25 - O que o visitante busca no parque	67
Figura 26 - Se os entrevistados conhecem o Bosque da Barra	67
Figura 27 - Nuvem de palavras para descrever o Bosque da Barra	68
Figura 28 - Se os entrevistados conhecem o Parque do Flamengo	69
Figura 29 - Nuvem de palavras para descrever o Parque Flamengo	70
Figura 30 - O que os internautas gostam de fazer no tempo livre	71
Figura 31 - Buscas na internet	72

Introdução e objetivos

Atualmente, mais de 50% da população mundial vive em centros urbanos. De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU (2014) este número deve chegar a 66% até 2050. O crescimento da população urbana está desencadeando importantes mudanças nas cidades. Centros urbanos já consolidados enfrentam a necessidade de se adaptar e descobrir novas maneiras de atender a uma crescente população, conciliando uma maior densidade urbana e multifuncionalidade dos espaços com uma maior qualidade de vida. Face à incidência e recorrência de desastres naturais, surge a necessidade de pensar também a resiliência urbana, a capacidade da cidade de se preparar para enfrentar estes fenômenos naturais.

A presença da natureza nas cidades através de áreas verdes como parques, praças e até mesmo canteiros nas calçadas, é destacada como um fator determinante para a qualidade de vida local (CHIESURA, 2004). Além de oferecer um espaço para o convívio e o lazer da população, estas áreas proporcionam um embelezamento da paisagem e uma série de serviços ambientais, que contribuem para a melhoria e o equilíbrio do clima local. Há autores que argumentam que um contato mais próximo com a natureza contribui para um maior senso ético dentro da comunidade (BEATLEY, 2011) A medida que estes espaços adquirem novas funções, como a agricultura urbana por exemplo, evidencia-se um processo de redefinição, e consequente aproximação, dos conceitos ‘cidade’ e ‘campo’.

Os espaços públicos nas cidades, dentre os quais incluem-se praça, ruas e calçadas, são a primeira e mais democrática imagem da cidade. São locais que contribuem para a construção e o fortalecimento de uma identidade local (OLIVEIRA, 2010). Considerando a ascensão de estratégias no planejamento urbano, que valorizam a presença da natureza na cidade, salienta-se a importância de discutir o papel das áreas verdes nas cidades contemporâneas, a fim de entender como elas contribuem para a construção da identidade urbana.

No Brasil, os parâmetros para o crescimento urbano são delimitados por um instrumento político chamado ‘plano diretor’. Estabelecido pelo o artigo nº40 do Estatuto da Cidade, o plano diretor deve ser desenvolvido pelas prefeituras de

idades com mais de vinte mil habitantes. O plano diretor do Rio de Janeiro, publicado em 2011, enfatiza a importância dos espaços públicos na formação da identidade urbana:

Art. 12. § 2º O Projeto de Estruturação Local (...) deverá prever:

I – a existência de espaços públicos como parques, praças, áreas de recreação e lazer, destinados ao uso coletivo e à promoção da integração social, de forma a valorizar a identidade local;

Plano diretor do Rio. Lei Complementar nº 111, de 2011

Tendo estas considerações em mente, o principal objetivo do presente trabalho é entender o papel desempenhado pelos parques urbanos nas urbes contemporâneas e como estes espaços interferem sobre a percepção da cidade e a sua identidade local. Este entendimento, obtido a partir das opiniões dos usuários, permitirá uma aproximação entre o espaço físico, o projeto e a vivência das pessoas.

Entre os objetivos secundários, propôs-se avaliar modelos de como a natureza pode ser integrada com a malha urbana, através do estudo de casos internacionais. Objetivou-se também questionar o papel dos parques urbanos no Rio de Janeiro, uma cidade que já possui uma forte identidade, profundamente associada ao seu patrimônio natural. A partir de um comparativo da cidade do Rio de Janeiro com estas outras cidades, que já estão adotando um posicionamento sustentável em termos de planejamento urbano, objetivou-se avaliar se as políticas de áreas verdes no Rio estão alinhadas com o que vem sendo discutido internacionalmente sobre a presença da natureza nas cidades.

1.1

Motivações

O interesse por estudar o tema de áreas verdes e, mais especificamente parques urbanos, surgiu minha experiência própria, através da participação de projetos urbanos de grande escala, sendo a principal contribuição neste sentido no projeto do Parque Madureira, na Zona Norte do Rio de Janeiro, junto com o escritório Ruy Rezende Arquitetura. Além de participar das fases de concepção do projeto urbano e paisagístico, eu acompanhei parte da obra e testemunhei o impacto transformador

do parque sobre o bairro e a população local, através da recuperação urbana de um lote previamente abandonado e subutilizado.

O ato de projetar ocorre majoritariamente dentro de escritórios, afastados do sítio de intervenção. Esse distanciamento contribui para uma confusão e uma falta de conhecimento da realidade. Por mais que o projeto busque contribuir para a melhoria do local, é comum ele se afastar dos principais desejos das pessoas. Por estes motivos, considerou-se interessante estudar outros parques dentro da cidade e ouvir as questões colocadas pela própria população. Grande parte das vezes, estes testemunhos trazem contribuições surpreendentes, como veremos no trabalho a seguir.

2

Revisão Teórica

Para um claro entendimento das questões abordadas, é preciso primeiramente uma definição sobre os termos utilizados.

2.1

Conceitos

Área Verde

O termo ‘área verde’ possui diferentes concepções, o que dificulta uma análise sobre o tema. Essencialmente, área verde é todo o espaço não edificado, que possua cobertura vegetal e solo permeável. O espaço também deve proporcionar um uso associado ao lazer, de modo a também oferecer uma melhoria na qualidade de vida da população. No capítulo introdutório de sua tese, Sandra Benini (2009) faz um levantamento de definições por diferentes autores:

Milano (1993) define áreas verdes urbanas como áreas livres na cidade, com características predominantemente naturais, independente do porte de vegetação. Nogueira & Wantuelfer (2002) afirmam que essas áreas verdes podem ser de propriedade pública ou privada e que devem apresentar algum tipo de vegetação (...) Nucci (2008, p.120) afirma que para uma área ser identificada como área verde deve haver a “predominância de áreas plantadas e que deve cumprir três funções (estética, ecológica e lazer)”. (MILANO, 1993; NOGUEIRA & WANTUELFER, 2002; NUCCI, 2008; apud BENINI, 2009, p.42)

Para o Ministério do Meio Ambiente, o termo ‘áreas verdes urbanas’ implica uma interligação entre espaços, acarretando na criação de um conjunto de áreas intraurbanas que ofereçam uma cobertura vegetal e contribuam para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental das cidades. O órgão destaca ainda que essas ‘áreas verdes’ podem existir na forma de áreas de preservação permanente (APP), como canteiros centrais, praças, parques, florestas, unidades de conservação (UC), jardins institucionais ou terrenos públicos não edificados. Essa definição contraria em parte o conceito elaborado acima por Nucci pois, mesmo que os canteiros centrais e os

lotes públicos desocupados possuam cobertura vegetal e solo permeável, estes nem sempre estão disponíveis para o lazer ou uso social da população.

A definição adotada neste trabalho é de espaços urbanos com cobertura vegetal, que proporcionem serviços ambientais e com potencial de uso pela população.

Espaço Público

Em seu texto “Por espaços mais públicos”, o autor Carlos Alberto Oliveira (2010) considera a praça pública como um elemento urbano que identifica e organiza o espaço da cidade. Em outras palavras, estes espaços abertos estão articulados com edifícios e demais equipamentos do seu entorno. Estas relações possuem grande valor social para a cidade, tornando-se essenciais para uma compreensão sobre a relação do indivíduo cidadão com o ambiente urbano.

A cidade tornou-se um ponto de convergência, o epicentro da cultura, caracterizando assim a sociedade moderna. Com isso, o espaço público – as ruas, as praças e os parques – tornou-se o palco da civilidade, o espaço para as trocas, para manifestações políticas e culturais da sociedade.

Espaço Urbano

O termo ‘urbano’ teve a sua origem do termo ‘urbanidade’, cuja definição estava associada à civilidade, à cordialidade e a boa convivência entre as pessoas. No início do século XX, o termo foi substituído pelos conceitos ‘urbanística’ ou ‘urbanismo’, que surgem com a pretensão de racionalizar e ordenar estilos de vida que até então floresciam espontaneamente (LEFEBVRE, 1986). O estudo sobre o meio urbano como disciplina de análise do espaço urbano surgiu apenas há pouco mais de 100 anos (CHOAY, 1965).

Identidade Urbana

A identidade é a relação que um objeto tem com ele mesmo. Ou seja, quando se fala de identidade da cidade, deve-se olhar para as suas características associadas. É a imagem projetada, a soma de todos os significados que resumem o que a cidade é. Estes podem ser monumentos, arquitetura, eventos festivos típicos, gastronomia, estilo musical, enfim, elementos que fazem parte da cultura do lugar. Espaços

públicos são especialmente emblemáticos neste sentido, visto que eles são os únicos espaços abertos e a mostra para todos. O espaço público nada mais é do que o palco da vida cívica e cotidiana, tão fundamental para a identidade de uma cidade.

A identidade não é um fato dado, mas sim algo criado, fabricado ao longo do tempo. A identidade de uma cultura ou de lugar não surge do nada, ela é criada como uma história, uma obra de ficção, elaborada para dar um sentido a um todo que reúne muitas partes divergentes entre si. A identidade fabricada torna-se um modelo de referência: Ela preenche brechas e atribui significados, servindo de estímulo para o presente e inspiração para o futuro. A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e de uma necessidade de recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2004, p. 26).

Imagem da cidade

Se a identidade é algo fabricado para dar um sentido a um todo, a identidade urbana atribui à cidade um perfil que une todas as suas partes divergentes; todas as diferentes comunidades, tribos, raças e classes sociais que lá se encontram e convivem. As cidades não são formadas por uma só pessoa ou um único perfil, mas por uma grande diversidade de usuários. Invariavelmente, as pessoas atribuem os seus próprios significados, experiências e percepções à paisagem e à imagem da cidade (LYNCH, 1960).

Em sua pesquisa detalhada no livro “A imagem da cidade”, Kevin Lynch buscou entender a imagem da cidade a partir da percepção dos seus habitantes. Foi avaliada a facilidade que as pessoas tinham de identificar na paisagem os bairros, monumentos, vias de circulação, etc. Através de questionários, foi possível obter uma relação entre a experiência pessoal dos entrevistados e a morfologia urbana. O que Lynch descobriu é que a cidade não é percebida através de suas formas, mas em função de laços existenciais, práticos e afetivos.

Paisagem

A paisagem já foi assunto em diferentes linhas de pesquisa para diversas disciplinas que apresentam variadas definições sobre o termo. Dentro da ecologia histórica, considera-se que a paisagem é o resultado, ou a manifestação material, da interação

entre os seres humanos e o meio ambiente (CRUMLEY, 1993). A paisagem não seria apenas decorrente de processos físicos naturais, mas também é sujeita aos processos culturais de transformação (SAUER, 1998). Para o urbanismo, a paisagem é a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo (MACEDO, 2010).

Sobre a paisagem carioca, o plano diretor do Rio de Janeiro atesta:

Art 2. § 3º Entende-se por paisagem, a interação entre o ambiente natural e a cultura, expressa na configuração espacial resultante da relação entre elementos naturais, sociais e culturais, e nas marcas das ações, manifestações e formas de expressão humanas.

§ 4º A paisagem da Cidade do Rio de Janeiro representa o mais valioso bem da Cidade, responsável pela sua consagração como um ícone mundial e por sua inserção na economia turística do país (...).

§ 5º Integram o patrimônio paisagístico da Cidade do Rio de Janeiro tanto as paisagens com atributos excepcionais, como as paisagens decorrentes das manifestações e expressões populares.

Plano diretor do Rio. Lei Complementar nº 111, de 2011.

Parques Ecológicos

A função primordial do parque ecológico é a conservação de um recurso ambiental em particular, como é o caso de bosques ou banhados, por exemplo. Esse tipo de parque concilia função de contemplação e caminhada em área de densa vegetação, com espaços de jogos e recreação infantil. Essa tipologia especificamente tornou-se popular no Brasil a partir dos anos 80 (MACEDO; SAKATA, 2010).

Parque Nacional

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), estabelecido pela lei 9.985, de Julho de 2000, estabelece que o Parque Nacional integra o grupo de Unidade de Proteção Integral (Art. 8) e determina ainda que:

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento

de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

§ 1o O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2o A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 3o A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

§ 4o As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal.

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Lei Complementar nº 9.985, de 2000.

Parques Urbanos

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, o parque urbano é uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, porém, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos. Novamente, deparamo-nos com uma definição relativamente ampla e genérica.

Macedo e Sakata (2010) consideram o parque como ‘todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno’. O emprego do termo ‘massa’ nesse caso amplia a questão da grande escala. O parque se destaca como ‘um elemento típico da cidade moderna, estando em constante processo de recodificação’ (MACEDO & SAKATA, 2010).

“Como se vê, o papel dos parques no Brasil é abrangente, e sua definição, nem sempre precisa. Muitas vezes, espaços de lazer de pequeno porte, 10 mil m² ou pouco mais, são denominados parques

apenas porque são cercados, contêm instalações de lazer e alguma vegetação.” (MACEDO, S & SAKATA, F, 2010)

Percepção

O dicionário Aurélio da língua portuguesa define percepção como ‘o ato, efeito ou faculdade de perceber’ e perceber como ‘adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos; conhecer; formar ideia de; notar; ver bem ou ver ao longe.’

A percepção da paisagem pela população pode ser desenvolvida a partir de um contato direto com a natureza ou de um contato indireto, via meios de comunicação de massa, educação ambiental ou valor cultural (REINKE, 2013). A percepção da paisagem, portanto, é uma resultante das interações sociais somadas às suas experiências prévias de um indivíduo. (WHYTE apud REINKE, 2013).

Uso Sustentável

De acordo com o SNUC, o uso sustentável é a exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável (SNUC, 2000). Esta foi a definição adotada neste trabalho.

A utilização de termos como ‘planejamento sustentável’, ‘postura sustentável’ ou ‘desenvolvimento sustentável’, refere-se à implementação de modelos urbanísticos alinhados a essa definição de uso sustentável.

2.2

A Evolução do Espaço Urbano e a Presença da Natureza nas Cidades

A explosão demográfica nos centros urbanos ocorreu na segunda metade do século XVIII, logo após o início da revolução industrial. O espaço urbano foi submetido a uma série de transformações em função de uma mudança no modo de produção e do surgimento de novas tecnologias (LEFEBVRE, 1986). As cidades careciam de infraestrutura para atender à sua crescente população. Problemas de habitação, saneamento básico e mobilidade urbana logo tornaram-se evidentes. Houve, portanto, a necessidade de inovação do espaço urbano.

Paris foi pioneira neste processo de adaptação, a partir de 1854, oferecendo soluções para estes problemas através das políticas do então prefeito, o Barão de Haussmann. O alargamento das vias arteriais, a racionalização de sistemas de comunicação, a canalização de redes de esgoto e de abastecimento de água foram algumas das medidas adotadas para organizar e melhorar a qualidade da vida urbana. Tais soluções contribuíram para a saúde e higiene da população, uma vez que permitiam uma melhor ventilação dos espaços comuns. Em pouco tempo, outras cidades também aderiram a essas medidas, como Viena e Barcelona (CHOAY, 1965).

Neste momento de transformação e discussão acerca do futuro das cidades, surgiram duas linhas de pensamento sobre as questões urbanas – o progressismo e o culturalismo. Enquanto o modelo progressista falava sobre a relação entre o homem e a razão, sugerindo que o planejamento urbano deveria seguir uma lógica funcional, o modelo culturalista elaborava sobre as qualidades orgânicas da cidade. O culturalismo propunha uma cidade orgânica, em continuidade com o passado (CHOAY, 1965). O arquiteto austríaco Camillo Sitte, defensor do culturalismo, acreditava que os traçados urbanos deveriam ser o resultado de uma vivência, de uma ocupação ao longo do tempo, determinados pela tipologia local e pela própria natureza. Em sua obra “A Construção da Cidade segundo seus princípios artísticos”, publicada em 1889, Sitte já lamentava o abandono dos espaços públicos em função de novos estilos de vida.

“O que podemos fazer se os acontecimentos públicos são hoje contados nos jornais, ao invés de ser proclamados, como nos templos antigos, na Grécia e em Roma, por pregoeiros públicos nas termas ou sob os pórticos? O que podemos fazer se os mercados abandonam cada vez mais as praças para fechar-se em construções de aspecto pouco artístico ou para transformar-se em vendas ambulantes a domicílio? O que podemos fazer se as fontes só tem um valor decorativo, já que a multidão se afasta delas, porque as canalizações levam a água diretamente para as casas e as cozinhas?” (SITTE, 1965, p.213-214)

Além de Sitte, outro importante defensor do urbanismo culturalista foi o inglês Ebenezer Howard, que desenvolveu o conceito da Cidade-Jardim. A Cidade-Jardim surgiu como uma alternativa urbana que conciliasse a vida na cidade e no

campo. Com sua forma circular, a Cidade-Jardim teria pouco mais de 2 quilômetros de diâmetro e um parque de 2 hectares no seu centro. A cidade contaria ainda com segmentos de agricultura urbana e, para colocar um limite ao crescimento urbano, seria rodeada por um cinturão verde de cinco quilômetros de comprimento. Este modelo de aglomeração urbana ressaltava a importância de valores comunitários e das relações humanas.

“Na verdade, não existem apenas duas possibilidades – a vida na cidade e a vida no campo. Há uma terceira solução, na qual todas as vantagens da vida mais ativa na cidade e toda a beleza e as delícias do campo podem estar combinadas de um modo perfeito.” (HOWARD, 1965, p.220)

Apesar de seu caráter nostálgico e historicista, o discurso culturalista enaltecia a importância do desenho dos espaços públicos para a qualidade da vida nas cidades, além de enfatizar a importância da natureza na cidade. Diferentemente do modelo progressista, que vislumbrava uma cidade pensada a partir de uma lógica industrial, podendo crescer e se multiplicar infinitamente, o culturalismo defendia uma relação mais integrada com o local, explorando as suas particularidades e estabelecendo limites para o crescimento da cidade.

Vale ressaltar que a defesa da natureza nas cidades, proferida pelo discurso culturalista, estava fortemente relacionada às premissas do higienismo. O próprio Camillo Sitte se referia aos parques urbanos como “espaços verdes sanitários”. Parques eram vistos como soluções para combater o congestionamento e a desordem, estabelecendo limites paisagísticos para o crescimento da cidade. Sua função como espaço recreativo era notada, embora o benefício direto para a população não fosse levado em consideração. Não se falava muito sobre os efeitos do contato direto com a natureza para a qualidade de vida população.

O papel transformador do contato com a natureza surgirá no discurso do americano Frank Lloyd Wright, no início do século XX. Entre os anos 1931 e 1935, o arquiteto se dedicará à criação de um novo modelo urbanístico sob o nome de “*Broadacre City*”. Segundo ele, a presença da natureza na cidade era fundamental para a harmonia do indivíduo na sociedade e para o estabelecimento da democracia. Apesar de jamais ter sido construída, a “*Broadacre City*” influenciou fortemente o

discurso sobre a presença da natureza nas cidades. Frank Lloyd Wright apoiava uma relação mais visceral entre a arquitetura e a natureza, como se as construções humanas brotassem da paisagem (CHOAY, 1965).

Lewis Mumford, autor e historiador americano, também teve um importante papel na defesa da integração da natureza com o meio urbano. Em seu artigo “Paisagem Natural e Paisagem Urbana”, publicado em 1960, na revista *Landscape*, Mumford analisou que, embora os parques fossem presentes nas cidades, eles nunca foram concebidos de forma integrada com a malha urbana. Eles eram pensados de maneira isolada, como ilhas de refúgio ao caos. Sua mera presença era vista como solução e, conseqüentemente, o desenho paisagístico era deixado em segundo plano (CHOAY, 1965). Como a qualidade destes espaços não era amplamente discutida e a má-distribuição das áreas verdes pela cidade não atendia a toda a população, aqueles que sentiam falta de um maior contato com a natureza se mudaram para os subúrbios, onde o valor da terra era mais barato e as pessoas podiam viver em casas mais espaçosas com jardins. Esse movimento de retorno ao campo foi possível graças ao avanço em transportes e vias, que permitiam um acesso rápido ao centro a partir dos subúrbios. Esse estilo de vida não é ideal, pois obriga as pessoas a realizarem grandes deslocamentos, gerando trânsito e um alto nível de emissão de poluentes. Ao ocupar um território maior, a cidade torna-se menos densa e menos eficiente. Para inibir esse movimento de migração para os subúrbios, os centros urbanos precisariam melhorar a qualidade dos seus parques e áreas verdes dentro da cidade.

A esta discussão sobre a qualidade dos parques, a jornalista Jane Jacobs, introduz uma nova questão. Deixando de lado o aspecto romântico do efeito regenerador e positivo do parque na vida das pessoas, em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, publicado originalmente em 1961, Jacobs fala como o descuido com o desenho paisagístico e com a qualidade do espaço público favorecem a delinquência juvenil:

“Os bandos de jovens delinquentes praticam seus delitos essencialmente nos parques e áreas de jogos. (...) Na vida corrente, o que significa na prática tirar as crianças da animação da rua para levá-las aos parques ou às áreas de jogos dos novos

conjuntos? Nós as tiraríamos de sob a vigilância alerta de numerosos adultos para transferi-las para lugares onde o número de adultos é muito escasso ou até nulo. Pensar que esta mudança representa uma melhora para a educação da criança da cidade é pura fantasia” (JACOBS, 1961)

Jacobs enfatiza a importância da multifuncionalidade e a acessibilidade dos espaços públicos. O parque só atinge o seu potencial se ele for devidamente explorado. O parque como área livre, que oferece poucos atrativos, só acentua o caráter de abandono, tédio ou até mesmo de insegurança local. Por isso, Jacobs sugere que os parques não devem ser monótonos, eles devem conciliar diferentes funções, um conceito diametralmente oposto ao discurso modernista de zoneamento em função do uso. Para Jacobs, o sucesso do meio urbano está na diversidade, na mistura e no encontro de pessoas, culturas e atividades. O êxito destes espaços públicos, portanto, está diretamente relacionado à democratização dos mesmos e a uma multifuncionalidade do sistema, associando diferentes usos em um mesmo espaço. A multifuncionalidade e amplo acesso aos espaços públicos influenciam diretamente a segurança do local.

2.3

Estratégias Sustentáveis no Planejamento Urbano

Recentes pesquisas acerca das mudanças climáticas e os efeitos do aquecimento global vem influenciando como pensamos as nossas cidades e deram margem ao surgimento de novos conceitos dentro do planejamento urbano (FRANCE, 2008). Novos conceitos como a resiliência urbana, a capacidade de adaptação a eventos naturais extremos, ou linhas de pensamento como as ‘cidades biofílicas’¹ ou o ‘urbanismo ecológico’² se alinham a essa tendência. Como essas novas maneiras de pensar a cidade estão modificando o papel da natureza e do espaço público nas cidades?

¹ Biofilia, termo popularizado por E.O.Wilson, descreve a relação emocional e afetiva entre seres humanos e outros organismos vivos. Cidades biofílicas, portanto, são aquelas que sabem cultivar essa relação entre o homem e o mundo natural. (BEATLEY, 2011, p.3)

² Abordagem dentro do planejamento urbano que considera a cidade de forma sistemática e multidisciplinar.

Hoje reconhecemos que são muitos os argumentos favoráveis à presença da natureza nas cidades - desde a contribuição para a saúde e longevidade da população, à realização de serviços ambientais como a purificação do ar, o equilíbrio de temperatura local, a redução dos efeitos das ilhas de calor, equilíbrio hidrológico, permeabilidade do solo, entre outros. Além desses pontos, o autor Timothy Beatley (2011) defende que um contato mais próximo com a natureza também colabora para o desenvolvimento de uma consciência ética, um senso de coletividade, de respeito e de solidariedade entre as pessoas. O contato com a natureza nos proporciona uma sensação que não é possível através de algo produzido pelo humano. Um escape do nosso meio urbano, do nosso olhar viciado e dos velhos hábitos. A natureza proporciona um deslumbramento, a oportunidade de vivenciar o sublime. O contato com a grandeza do mundo natural é fundamental para o nosso progresso e processo criativo (BEATLEY, 2011).

“A Biophilic city is a city abundant with nature, a city that looks for opportunities to repair and restore and creatively insert nature wherever it can”. (BEATLEY, 2011, p.2)

O contato com a natureza não precisa ser somente através de grandes segmentos como florestas ou reservas ambientais – ele pode ser também em pequenas doses, como em ‘*pocket parks*’, jardins ou telhados verdes.

“Green urban features, such as trees and green rooftops, serve to address the urban heat island effect and to moderate and reduce urban heat; this has the potential to significantly reduce heat-related stress and illness in cities. (BEATLEY, 2011).

Além do alto custo da terra, cidades densas e consolidadas nem sempre dispõem de espaço para uma grande reserva natural, mas essas pequenas doses de natureza, por vezes, são suficientes para um equilíbrio entre o construído e o meio natural. A ideia atualmente é não mais segregar a natureza, através da criação ilhas naturais, desconectadas do restante da cidade, mas pensar num espaço mais integrado, uma rede onde as duas realidades - mineral e natural - possam coexistir. É importante ressaltar, entretanto, que embora a presença da natureza em ‘pequenas doses’ coopere para a integração da natureza com o meio urbano, a sua contribuição

ambiental pode ser menor por não corresponder a quantidade necessária para fornecer os serviços ambientais.

Outra recente abordagem dentro do planejamento urbano que enfatiza uma preocupação ambiental é o urbanismo ecológico. Esta abordagem vê a cidade como um ecossistema, um meio artificial capaz de adquirir o mesmo nível de eficiência e interdependência entre as partes como um ecossistema natural. Cidades possuem demandas próprias, mas também oferecem recursos. São potenciais geradores de energia, captadores de água e centros de reciclagem de resíduos. O urbanismo ecológico propõe encarar a questão ambiental de frente, a medida em que o meio urbano se torna o principal habitat do ser humano (HAGAN, 2015).

Mais do que nunca, pensar a cidade se tornou uma atividade multidisciplinar. Antigamente, a cidade estava fortemente submetida ao desenho de arquitetos e urbanistas, a linhas de pensamento que consideravam apenas, ou principalmente, a sua história construída. Hoje, para um pensamento holístico e um desenvolvimento sustentável das urbes, é preciso conciliar e tirar proveito de várias áreas do saber.

2.4

O Espaço Público e a Identidade na era digital

Com a mais recente revolução nas telecomunicações, datando do final do século XX e início do século XXI, e o surgimento de um espaço público paralelo *online*, o que pode ser observado é um novo padrão de comportamento que modificou a maneira que as pessoas interagem. O espaço de encontro migrou do ambiente público e coletivo para o íntimo e privado, substituindo os encontros *face-to-face* pelas conversas via mídias digitais. Essa característica da atualidade resultou em um esvaziamento e conseqüente enfraquecimento dos espaços livres públicos urbanos, destituídos em parte de suas funções originais.

O meio digital oferece uma alternativa confortável aos usuários, uma vez que eles não precisam mais sair de casa para realizar uma série de atividades que anteriormente aconteciam nos espaços públicos; reivindicações políticas e manifestações culturais, encontros, conversas e discussões antigamente animavam os espaços públicos. Hoje, estes acontecem em grande parte no mundo virtual. Se os espaços públicos, elementos fundamentais para a construção de uma identidade

local, perderam ao menos parte de sua função original, qual será o seu papel na formação da identidade da cidade contemporânea?

A tecnologia permitiu a internacionalização da competição e da participação. Além disso, a tecnologia permitiu o êxodo do ser de si mesmo, da realidade. Não há apenas o objeto real, há também a sua imagem projetada, as múltiplas realidades, o hiper-real (BAUDRILLARD, 1981). A imagem virtual complementa ou até mesmo sobrepõe o original, interferindo sobre a realidade.

2.5

Identidade das cidades na era digital

“Is the contemporary city like the contemporary airport – All the same?” (KOOLHAAS, 1995)

Com essa colocação, Koolhaas inicia o seu texto falando que as cidades estão se tornando todas muito parecidas, sobretudo as grandes metrópoles. Com o processo de globalização e a diminuição das distâncias, houve um aumento na velocidade de fluxo da informação, assim como na possibilidade de viagens. Neste processo de aproximação, o que antes parecia longínquo e estranho tornou-se comum, conhecido e até mesmo ordinário. Estariam as cidades se tornando nada mais do que espaços padronizados, como os aeroportos? A convergência de paisagens e signos estaria levando ao fim de uma identidade local? E o que sobra quando não há mais identidade? Eis que surge a resposta de Koolhaas: o que sobra é o Genérico.

A identidade de um lugar, que antes era associada à sua cultura e à sua história, perde significado à medida em que a memória e os monumentos tornam-se irrelevantes em um mundo dinâmico e em constante transformação. Com isso, há um paradoxo: uma identidade que não se adequa aos novos tempos torna-se limitada e defasada. Por outro lado, uma identidade que se adapta livremente corre o risco de perder o seu propósito e deixar de ser única - torna-se genérica.

A cidade contemporânea, descrita por Koolhaas como a ‘cidade genérica’ (*Generic City*), é uma cidade desprovida das restrições impostas pela identidade. Uma urbes livre de história e limites físicos, podendo expandir-se e ser replicada infinitamente, caracterizada por módulos padronizados e uniformes.

A abstração imaginada por Koolhaas (1995) levanta questões acerca de planejamento urbano de modo geral. Qual a importância da identidade nas cidades contemporâneas? Faz sentido discutir a identidade quando as cidades estão cada vez mais semelhantes?

Num momento caracterizado pelo enfraquecimento da identidade urbana, pela emergência de novos espaços públicos no plano digital e o surgimento de novos modelos de planejamento que defendem a aproximação da cidade e do campo, como pensar as cidades para o futuro? O parque urbano pode se estabelecer como um espaço importante, significativo e transformador para a cidade? Como adaptar-se a esse novo momento e que novas funções o parque urbano deve assumir?

Procedimentos Metodológicos

Para a realização deste estudo, primeiramente, foi estabelecido um recorte. Partiu-se do tema de áreas verdes, mas dada a complexidade e amplitude do tema, optou-se por um recorte que focasse predominantemente em parques urbanos. A opção pelos parques foi devido à sua escala intermediária entre a praça e a floresta urbana. Os seus limites, interferência humana através do desenho paisagístico e os usos são mais claramente definidos do que na floresta urbana. Por outro lado, a gama de serviços ambientais proporcionados pelos parques urbanos é superior à das praças. O parque oferece uma complexidade em termos de urbanidade, permite a realização de eventos sociais, a articulação da população com a natureza e a existência de equipamentos com programas diversificados.

A natureza da pesquisa é aplicada, e sua abordagem será qualitativa, uma vez que o escopo é analisar os fenômenos e a atribuição de significados de parques específicos do Rio de Janeiro através da percepção da população entrevistada. Em sua essência, o objetivo geral da presente pesquisa é descritivo, uma vez que a pesquisa busca caracterizar um fenômeno real, descrevendo o modo como as pessoas utilizam e percebem os parques. O modo como as pessoas percebem os parques influencia diretamente as suas visões sobre a cidade.

A investigação foi dividida em três partes: escala internacional, onde foram analisados exemplos internacionais de cidades referência em políticas de áreas verdes; escala local, onde foram conduzidas entrevistas com visitantes em dois parques urbanos no Rio de Janeiro; e a escala virtual, onde foi desenvolvido um questionário *online* com a finalidade de obter a opinião dos cariocas sobre parques urbanos.

Exemplos internacionais de cidades com políticas de áreas verdes

A primeira parte realiza uma análise de cidades reconhecidas internacionalmente por seus modelos de planejamento urbano dentro de uma linha sustentável, abordagens que visam a construção de uma identidade urbana associada a uma política pública de áreas verdes. Estas são Curitiba, Freiburg, Londres, Nova Iorque, Seul e Singapura.

Os artigos utilizados para esta pesquisa foram levantados a partir do portal da CAPES e a base de dados online da divisão de bibliotecas e documentação da PUC-Rio. Os artigos selecionados foram aqueles que davam ênfase às questões levantadas pelo presente estudo, associados aos locais de interesse. Os termos utilizados nas buscas foram ‘parques’, ‘parques urbanos’, ‘áreas verdes’ e os nomes das cidades escolhidas.

A partir dos pontos observados nas cidades destacadas como referências internacionais, foram conduzidas análises sobre parques da cidade do Rio de Janeiro, a fim de entender o papel dos parques urbanos na percepção dos cariocas.

Parques do Rio de Janeiro

Foram selecionados dois parques urbanos no Rio de Janeiro (Fig.01): o Parque do Flamengo e o Bosque da Barra, dois parques planos litorâneos que possuem uma semelhança de escala entre si, fator homogeneizador da amostra. O Parque do Flamengo, o maior parque urbano em termos de área do Rio de Janeiro, possui uma área de 1.219.000m²(120 hectares), enquanto o Bosque da Barra tem uma área de 500.000m² (50 hectares). Vale salientar que apesar do Parque do Flamengo ser mais do dobro da área do Bosque da Barra, ambos os parques estão entre os maiores da cidade, por isso a consideração de semelhança de escala.

Os dois parques já estão consolidados na malha urbana visto que ambos foram inaugurados há mais de 30 anos. O Bosque da Barra foi inaugurado em 1982, um projeto de Mario Sophia e Carlos Werneck de Carvalho, enquanto o Parque do Flamengo foi inaugurado 17 anos antes, em 1965. O projeto para o Parque do Flamengo foi desenvolvido durante a gestão de Carlos Lacerda por Lota de Macedo Soares e o paisagista Roberto Burle Marx.

Além da semelhança de tempo, de escala e a proximidade com a praia, ambos os parques estão localizados próximos a uma avenida estrutural de alta velocidade (a Avenida Infante Dom Henrique, no caso do Parque do Flamengo, e as Avenidas das Américas e Ayrton Senna, no caso do Bosque da Barra). As distintas localizações geográficas trazem diferenças em relação à acessibilidade e à população que habita no entorno imediato, variáveis que interferem na utilização e no público que frequenta o parque.

Apesar destas semelhanças, os parques apresentam fortes diferenças entre si. O Bosque da Barra possui uma origem natural pois trata-se de uma reserva natural cercada e preservada. Já o Parque do Flamengo possui uma origem artificial, proveniente dos resíduos do desmonte do morro de Santo Antônio. Apesar de incluir espécies naturais em sua composição, a sua vegetação é claramente menos densa do que o Bosque da Barra. À exemplo dos parques ecológicos dos anos 80, o Bosque da Barra é fortemente sombreado e oferece um frescor em relação ao entorno imediato.

O Parque do Flamengo detêm uma maior representatividade a escala local – ele representa 16% da área dos bairros que ele atravessa, enquanto o Bosque da Barra representa apenas 1% da área total do bairro em que se insere.



Fig. 01 Localização do Bosque da Barra e Parque do Flamengo.

Fonte: Mapa elaborado pela autora.

A pesquisa sobre estes dois parques do Rio de Janeiro foi realizada de duas formas. Primeiramente, através de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de levantar informações referentes à história, à área, à população local (número de residentes e PIB), o uso do solo e a cobertura verde no bairro, a legislação urbana local e a presença áreas de verdes no entorno. Também foram identificados os pontos de transporte público nas proximidades do parque, além de efetuar uma descrição sobre os equipamentos (culturais, históricos, serviços, ensino) presentes em cada parque.

Em um segundo momento, foram realizadas visitas aos parques, onde foram observados os equipamentos dos parques e foram realizadas entrevistas com os visitantes. A principal finalidade das entrevistas era entender a percepção dos visitantes sobre o parque. Houve também um trabalho de observação dos usuários, tomando conhecimento das principais atividades realizadas e um levantamento do perfil do usuário através de entrevistas.

Foram entrevistadas quarenta pessoas em quatro visitas aos dois parques durante o mês de janeiro, de 2016. As pesquisas foram todas realizadas no período entre 8 e 11 horas da manhã e a cada visita foram entrevistadas 10 pessoas. Todas as visitas foram realizadas por uma dupla de entrevistadores. Algumas entrevistas foram conduzidas em conjunto e algumas separadamente, em função da disponibilidade dos entrevistados.

O critério de escolha dos entrevistados era àqueles que se mostravam dispostos a responder ao questionário. Além disso, quando o entrevistado estava acompanhado de uma ou mais pessoas, o questionário se detinha unicamente nas respostas da pessoa entrevistada. Não foram entrevistados mais de um membro de cada grupo a fim de obter uma maior diversidade das respostas. Nas visitas, também buscou-se equilibrar as respostas de usuários de ambos os sexos. Após cada visita, foram redigidos relatórios de visita relatando impressões dos entrevistadores, usos observados, dificuldades enfrentadas e dados sobre temperatura. (Anexo 1)

Foram realizadas duas visitas a cada parque, sendo uma delas em um dia da semana e a outra no fim de semana. As visitas ao Bosque da Barra aconteceram nos dias 05(terça) e 10(domingo) de janeiro e as visitas ao Parque do Flamengo foram realizadas nos dias 24(domingo) e 26 (terça) de Janeiro, 2016. As visitas foram realizadas no período da manhã, em dias ensolarados com a temperatura variando entre 30 e 37 graus Celsius.

A análise das respostas está apresentada no próximo capítulo, de forma descritiva e através de recursos de apresentação como gráficos, mapas e *word clouds* (tradução: nuvem de palavra). A nuvem de palavra é um método de representação no qual uma lista de palavras é organizada visualmente e hierarquicamente, as palavras com letras maiores simbolizando aquelas que foram utilizadas mais vezes.

Espaço virtual no Rio de Janeiro

As entrevistas com os usuários dos parques nos mostraram as percepções, os interesses e as críticas dos usuários que já frequentam estes espaços. A fim de obter o ponto de vista daqueles que não estavam nos parques, foi levantada também a opinião do carioca no plano virtual, através de um questionário aplicado via plataforma *SurveyMonkey* divulgado via mídias sociais e internet como *facebook* e *email*. O objetivo era entender como o distanciamento do local interfere na percepção das pessoas sobre o mesmo local e qual é a opinião daquelas que não tem o hábito de frequentar parques.

4

Resultados e Discussão

4.1

Políticas Urbanas de áreas verdes em grandes cidades

Num momento de crise de identidade, com a redefinição do papel dos espaços públicos e com uma maior preocupação com o meio ambiente das cidades, estes exemplos internacionais apresentados a seguir se destacam como referências em termos de planejamento urbano sustentável. É importante entender as virtudes dos modelos que estão dando certo, compreender os seus desafios, suas dificuldades e conquistas para que estas soluções possam ser repetidas e adaptadas em outras cidades pelo mundo.

Foram analisadas seis cidades cujas identidades estão associadas a uma nova abordagem de estruturação e revitalização urbana através de parques. As cidades escolhidas foram Curitiba, Freiburg, Londres, Nova Iorque, Seul e Singapura (Fig. 02).



Fig. 02 Localização das cidades analisadas.

4.1.1

Curitiba

Considerada a capital ecológica do Brasil, e destacada como uma referência de planejamento urbano sustentável, a cidade de Curitiba traz um pensamento ambiental ao longo de sua história (OLIVEIRA, 2001).

As primeiras ações de cunho ambiental foram tomadas na década de 70, durante a gestão de Jaime Lerner, quando foram construídos dois grandes parques públicos – o Parque Barigüi e o Parque São Lourenço. Esse ato foi em conjunto com a Lei Municipal 4557/73 sobre proteção de vegetação de porte arbóreo, além de uma campanha de conscientização, na qual a população local era envolvida no processo de conservação da vegetação. Com o lema “Nós damos a sombra, você a água fresca”, a campanha visava incentivar as pessoas a regarem e cuidarem das árvores nos seus bairros. Com essa iniciativa, mais de 60 mil árvores em média foram plantadas por ano (OLIVEIRA, 2001).

Outra lei importante foi a Lei nº 5234/75 de zoneamento e uso do solo, aprovada durante a gestão Saul Raiz. Em conjunto com o decreto 400/76, foram criados os chamados “setores especiais de fundo de vale”, o que permitiu a desapropriação do que viria a ser o maior parque da cidade – o Parque Iguaçu.

Durante o período de 1972-82, foram criados mais três parques e três bosques na cidade, o que representou um acréscimo de quase 10 milhões de metros quadrados de área verdes, em torno de 10m² por habitante. Em outras palavras, 30 anos atrás Curitiba já se aproximava dos parâmetros ideais, determinados pela ONU em 2012, de 12m² de área verde por habitante.

A década de 70 foi a década de maior incremento em termos de áreas verdes públicas na cidade, especialmente através dos três parques já citados. Mais do que uma medida de lazer para a população, essas áreas verdes ofereceram uma solução para a crise crônica de ocorrência de enchente na cidade. Esses parques possuem grandes reservatórios no seu interior, que retardam o despejo da água da chuva no sistema de águas pluviais.

Apesar da capital do Paraná não ter vivido uma década tão intensa em termos ambientais desde então, essa consciência ambiental permanece no planejamento da cidade. Na década de 90, o prefeito Jaime Lerner sancionou a lei nº 7833/91 que dispunha sobre o controle, a preservação e a recuperação do meio ambiente. Essa postura sustentável não se manifestou apenas nas políticas de criação e preservação de áreas verdes, mas também no manejo do lixo e mobilidade urbana, atribuindo a Curitiba uma identidade fortemente caracterizada por uma preocupação ambiental.

4.1.2

Freiburg

Freiburg é uma cidade de médio porte na Alemanha que adquiriu status internacional de ‘cidade verde’. A cidade foi largamente bombardeada durante a segunda guerra. Com a predominância de vazios urbanos deixados pela destruição, Freiburg teve uma oportunidade de se reinventar. Nesse meio século de reconstrução, a cidade adotou uma política consciente e ambiental (GREGORY, 2011).

A partir da década de 70, Freiburg vem assumindo um papel central em termos de políticas sustentáveis na Alemanha. Isso começou com o movimento contra a construção de uma estação nuclear em Wyhl. Desde então, Freiburg tem incentivado a construção de edifícios eficientes do ponto de vista energético e que utilizem energia solar. A cidade também se destaca nas suas políticas de gestão de resíduos e mobilidade urbana, através do incentivo ao uso de bicicletas e transporte público (PURVIS, 2008).

Freiburg está entre as cidades de maior cobertura vegetal na Alemanha. Aproximadamente 40% do seu território urbano é coberto por florestas. Calcula-se que, para cada habitante, há 325m² de área verde. Esta pode ser uma característica delicada para uma cidade, pois se não houver um programa de conservação ambiental e um planejamento orçamentário para este fim, a presença e proximidade da natureza pode fazer com que a questão ambiental não configure entre as prioridades do governo local (GUDURIC *et al*, 2011).

Quase 80% das florestas de Freiburg pertencem ao município e 12% ao estado. O órgão responsável pela gestão dessas florestas é o *City Forest Office* (CFO), cujas

principais funções são garantir a proteção, a conservação e o livre acesso da população a esses espaços. Os 8% remanescentes pertencem a proprietários privados que devem seguir as diretrizes de conservação estabelecidas pelo CFO. O sistema de gestão é fortemente baseado na comunicação e na transparência nas decisões políticas, procurando sempre envolver associações de moradores, a mídia e ONGs (GUDURIC *et al*, 2011).

Além de um plano diretor para o desenvolvimento urbano, Freiburg conta com um plano diretor para o desenvolvimento florestal, um documento intitulado ‘*Forsteinrichtung*’, que é revisado de 10 em 10 anos.

Em 2011, foi criado a *Sustainability Management unit*, uma unidade dentro da prefeitura de Freiburg responsável pelo monitoramento de políticas sustentáveis na cidade. Cabe a esse órgão acompanhar se as políticas urbanas, avaliar se essas estão seguindo premissas de sustentabilidade e planejar um futuro para a cidade de Freiburg.

Para locais com um patrimônio natural pré-existente, como acontece em Freiburg, o papel da conservação é fundamental. A evolução e riqueza das áreas verdes urbanas dependem de um programa de acompanhamento e proteção. Caso contrário, essas áreas tornam-se abandonadas ou viram então foco de exploração do mercado. A partir do momento em que estes espaços se tornam uma ‘terra de ninguém’, eles começam a representar uma insegurança para a comunidade local.

4.1.3

Londres

Londres se destaca como um dos principais centros financeiros, comerciais e culturais do mundo. Sua identidade reflete a sua importância histórica, assim como o acompanhamento das últimas tendências e avanços tecnológicos no mundo. Em 2000, um estudo intitulado “*City Limits*” fez a medição da pegada de carbono e concluiu que a pegada ecológica de Londres equivalia a uma área 293 vezes maior do que a sua área urbana (WEEN, 2014). Após essa constatação, foi publicado em 2008 um plano de ação para a capital inglesa determinando medidas para reduzir as emissões de carbono em 60% até 2025 (tendo como referência os níveis de 1990). Um dos principais objetivos deste plano é tornar a cidade mais amigável para o

pedestre. Além do tratamento do paisagismo e da sinalização através de totens informativos, foram criados aplicativos que ajudam a orientar as pessoas para que essas possam escolher as melhores rotas para chegarem ao seu destino final. Interessante observar que aqui, o plano de ação da cidade se direcionou não apenas ao espaço físico, mas a participação via mídia digitais, em sintonia com as tendências de transformação dos espaços públicos.

Além da *promenade*, há também o incentivo para a recuperação de áreas degradadas, como foi o caso do *WWT London Wetland Center*, uma reserva com uma área equivalente a 42 hectares. O local, anteriormente ocupado por reservatórios de água subutilizados, foi transformado em grande espaço para a preservação e observação de fauna, uma importante iniciativa de reintroduzir a natureza dentro da região metropolitana, dissociando o urbano da imagem do construído (WEEN, 2014).

Ainda nessa tendência de aproximação entre o campo e a urbes, movimentos como o “*Cultivate London*” revitalizam segmentos urbanos abandonados através de pequenas produções agrícolas. Além de dar um uso a esses terrenos, eles oferecem programas educativos que ensinam pessoas desempregadas a plantar, estimulando o convívio social dentro da comunidade. O cultivo de produtos orgânicos dentro da metrópole também contribui para a redução de custos e a emissão de CO₂ do transporte de produtos naturais vindos da zona rural.

Como pode ser observado na maior parte dos casos citados, o êxito destas abordagens depende fortemente da cooperação entre a população e o órgão gestor. Curitiba, por exemplo, conseguiu preservar e expandir a cobertura verde da cidade através de uma política ambiental consciente, criando leis que incentivam a conservação e campanhas que envolviam a participação da população. Semelhante ao caso de Londres e Nova Iorque, onde a população não apenas opina, mas também entra em campo e participa ativamente do plantio de árvores e do cultivo local.

4.1.4

Nova Iorque

Nova Iorque é um arquipélago já saturado, sem possibilidade de crescimento territorial. Por isso mesmo, os espaços Nova Iorquinos são conhecidos por serem

compactos – desde os apartamentos residenciais aos espaços de trabalho. O Nova Iorquino faz a maior parte de suas jornadas a pé ou de transporte público graças à sua abrangente rede de transporte. Mesmo com um estilo de vida de pouco desperdício, a pegada de carbono da cidade se compara a aquelas de um pequeno país (como a Noruega ou Irlanda). Não há grandes indústrias na sua região metropolitana, portanto a emissão de carbono da cidade é quase toda resultante de atividades relacionadas ao funcionamento dos edifícios (KERR, 2014).

Em 2005, a prefeitura de Nova Iorque (*Mayor's Office of Recovery and Resilience*) lançou o PLANYC, um plano para o desenvolvimento urbano da cidade que criou metas até 2030. Existem duas linhas de atuação, uma buscando atingir metas sustentáveis e a outra uma maior resiliência. Essas são denominadas respectivamente “*A Greener Greater New York*” (Nova Iorque maior e mais verde) e “*A Stronger, More Resilient New York*” (Nova Iorque mais forte e mais resiliente).

Entre as diretrizes estabelecidas pelo PLANYC, estipulou-se que cada nova iorquino deve morar a uma distância máxima de 10 minutos a pé de um parque. O fator conhecido como “*Walkability*” vem sendo destacado como quesito fundamental para o êxito e bom uso dos espaços públicos. Por mais que os parques urbanos sejam bem servidos de transporte público, estudos demonstram que as pessoas tendem a frequentar parques que elas podem visitar a pé.

Além da criação de novos parques, foi lançado o programa “*The Millions Trees NYC*”, que até 2014 plantou mais de 830 mil árvores e tem buscado a cooperação de nova iorquinos nesses plantios, ensinando a população local a cuidar dessas árvores.

Nova Iorque é um exemplo de cidade que está pensando a escala do pedestre, e contemplando o envolvimento da comunidade nas suas políticas. Como a crise da identidade está associada a individuação e à importância do indivíduo, o envolvimento da população no planejamento urbano contribui fortemente ao senso de pertencimento, essencial para a constituição de uma identidade.

4.1.5

Seul

Com pouco mais de 23 milhões de habitantes em sua região metropolitana, Seul surge como a quinta maior cidade do mundo (DEMOGRAPHIA, 2015). A capital da Coreia do Sul passou por sucessivas transformações que trouxeram as questões ambientais para o primeiro plano. Dentre elas, a mais emblemática foi a recuperação do Rio *Cheonggyecheon*, um rio que passava pelo centro da cidade e que, durante décadas, permaneceu enterrado sob uma via expressa elevada (HWANG, 2007).

O rio foi coberto no final da década de 50 como solução para o transporte urbano. A demolição da congestionada via começou a ser discutida nos anos 90 mas só aconteceu de fato em 2002. O novo parque linear, que devolvia as margens do Rio *Cheonggyecheon* para a população, foi inaugurado em 2005.

A mudança climática torna-se evidente através de processos físicos, como o aquecimento global. Dentre os gases responsáveis pelo agravamento deste fenômeno, o dióxido de carbono é destacado como o mais nocivo. Em 1991, investigações apontavam que a concentração de CO₂ na atmosfera já estava 25% maior do que aquela registrada durante a revolução industrial. Esta constatação deu margem a uma série de estudos que avaliaram o impacto de áreas verdes urbanas na redução do carbono na atmosfera (JO, 2001). Entre estes, foi conduzido um estudo para a cidade de Seul.

O estudo de Jo (2001) comprovou que, como o solo urbano é majoritariamente impermeável, a presença de áreas verdes não exerce um grande impacto sobre o nível de carbono na atmosfera. Não obstante, o autor relata que a presença de áreas verdes ainda é uma solução interessante para centros urbanos, visto que é de fácil implantação e contribui para retardar os efeitos das mudanças climáticas. Para obter uma maior eficiência na redução de carbono na atmosfera é preciso estabelecer uma maior diversidade das espécies no paisagismo das áreas verdes. É importante criar diferentes camadas de vegetação (desde grama, arbustos e árvores) que apresentem padrões distintos de crescimento e, conseqüentemente, diferentes taxas de absorção de carbono. Em termos de desenho urbano, o autor sugere a liberação

de grandes áreas como estacionamentos a céu aberto para substituição por novas áreas verdes (JO, 2001).

Há benefícios para além do retardamento das mudanças climáticas. Outros estudos comprovam que a temperatura dentro dos parques urbanos de Seul é consideravelmente mais baixa do que as temperaturas do seu entorno imediato (LEE *at al* ,2009). As maiores diferenças de temperatura foram observadas nos bairros centrais com maior taxa de construção (*business district*).

4.1.6

Singapura

A cidade-estado de Singapura é formada por um arquipélago composto por 60 pequenas ilhas. Após a declaração da independência da república em 1965, o novo governo colocou em prática medidas econômicas e sociais que buscavam acabar com o problema de habitação e o alto índice de desemprego. Neste processo, grandes segmentos naturais como florestas e mangues foram desmatados. A área urbana coberta por vegetação diminuiu de 6,5% para 4,4%, e as áreas de mangue de 7,9% para 2,4% (BRIFFET *et al*, 2004). Para compensar este desmatamento, a cidade buscou outras maneiras para reintroduzir a natureza no espaço urbano. Ao longo dos anos 70, foram criados parques que existem até hoje como o *Jurong Bird Park* (aberto em 1971), um parque para a preservação e observação de diferentes espécies de pássaros, e o Zoológico de Singapura (aberto em 1973).

No início dos anos 90 foi lançado o '*Revised Concept Plan for Singapore*'(1991), um plano diretor para a cidade que incluía um modelo chamado '*Green and Blue Plan*'. Este modelo identificava áreas livres e cursos de água que poderiam ser interligados, criando uma espécie de corredor verde e azul, de modo a revitalizar e preservar a biodiversidade. Soluções como essas proporcionam um acesso mais democrático aos parques, além de uma transição mais gradual em termos de paisagem. Sem contar que áreas verdes contínuas permitem a migração da fauna local, como pássaros e insetos. Um exemplo deste modelo implantado em Singapura é o '*Ulu Pandan Canal*', um corredor verde que se estende linearmente por mais de 7km, atravessando diferentes bairros.

O fato de Singapura ter investido em uma política ambientalmente consciente faz com que, 30 anos depois do plano de 1971, a cidade seja reconhecida internacionalmente como ‘uma cidade dentro de um jardim’. Em 2011, Singapura foi eleita a cidade mais verde da Ásia segundo o *Asian Green City Index* (GULSRUD, 2014).

O envolvimento da comunidade é fundamental para o êxito dessas políticas para as áreas verdes. O projeto “*Community in Bloom*”, lançado em 2005, já criou mais de 600 jardins comunitários em Singapura. Esses contam com a participação da comunidade local no cuidado pelos jardins. O programa é voltado para crianças e idosos, enaltecendo o vínculo entre os membros da sociedade e contribuindo para o senso de identidade local (GULSRUD, 2014).

O que pode ser constatado é que além da participação, a presença de pessoas é essencial para o sentimento de segurança destes espaços. A acessibilidade é um aspecto vital para garantir o movimento de pessoas. Além da articulação com a rede de transportes, é importante pensar o sistema de parques como uma rede, em termos territoriais, através de soluções como aquela adotada pelo PLANYC, que estipula que todo cidadão deve morar a 10 minutos a pé de um parque. Corredores verdes como os de Singapura ou Seul também são particularmente interessantes neste sentido, já que não se tratam de intervenções pontuais - são espaços que atravessam diferentes bairros. Além de garantir uma maior acessibilidade, há uma continuidade na paisagem que propicia a migração de espécies.

É importante entender as virtudes dos modelos que estão dando certo, compreender seus desafios, suas dificuldades e conquistas para que estas soluções possam ser repetidas e adaptadas em outras grandes cidades pelo mundo. A identidade de uma cidade é como um quebra-cabeça, composto de muitas partes, mas se a política de meio ambiente for transparente e contar com a participação da comunidade local, os parques urbanos terão um papel fundamental na composição desta identidade.

4.2

Parques no Rio de Janeiro

4.2.1

Sobre o Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro é conhecida por sua beleza natural, por sua formação entre morros e mar. Listada como um patrimônio da UNESCO em 2012, a paisagem carioca conta com mais de 40 praias ao longo do seu litoral, maciços florestados, como o maciço da tijuca e o maciço da pedra branca além de mangues e restingas.

A cidade foi pioneira em termos de paisagismo no Brasil. O Passeio Público do Rio de Janeiro, por exemplo, é o mais antigo parque urbano do país. Construído em 1783 e projetado pelo Mestre Valentim da Fonseca e Silva, o Passeio Público foi o primeiro parque ajardinado destinado ao encontro da população. Com a chegada de Dom João VI ao Brasil em 1808, foi decretada a criação do Jardim Botânico, uma área verde que permanece um importante centro de pesquisa e de conservação de espécies. A vinda do paisagista francês Auguste François Glaziou, em 1858, a pedido Dom Pedro II, também marcou um importante momento na história do paisagismo na cidade. Além de renovar o Passeio Público, Glaziou projetou a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, o Campo de Santana, entre outros. (MACEDO, 2006).

A criação de novas praças e parques na cidade continuou ao longo do século XIX até meados do século XX, momento em que o paisagista Roberto Burle Marx introduziu os seus jardins modernos. Além de romper com o ecletismo até então empregado nos projetos para os parques públicos, Burle Marx defendia a utilização de espécies nativas e tropicais nos projetos. Roberto Burle Marx foi responsável pelo desenho de grande parte da orla carioca e assinou também o projeto do Parque do Flamengo, inaugurado em 1965. O Bosque da Barra foi concebido alguns anos depois. Projetado por Mario Sophia e Carlos Werneck de Carvalho, o parque ecológico foi inaugurado em 1982 e seguia de uma linha de projeto que ganhou força nos anos 80, uma que valorizava a importância da conservação e do contato com a natureza nos parques (MACEDO, 2006).

4.2.2

Bosque da Barra

O Bosque da Barra está localizado no bairro da Barra da Tijuca, pertencente à XXIV Região Administrativa da cidade do Rio de Janeiro. O seu surgimento está relacionado ao plano piloto do urbanista Lúcio Costa para a Baía de Jacarepaguá, concebido no final dos anos 60. Como esta região possui uma considerável área de restinga, o objetivo da criação do parque foi criar uma área de preservação para a vegetação e fauna típicos do local. Hoje o parque é reconhecido como uma reserva ecológica e uma unidade de conservação.



Fig. 03 e 04 Vista aérea do Bosque da Barra. Os percursos e espaços comuns para uso da população ocupam menos da metade da área do parque. A maior parte da área é dedicada à conservação.

Fonte: Google Earth, webrun.com.br

Apesar de ser um dos maiores parques da cidade, a sua área é pequena proporcionalmente à área do seu bairro. O Bosque da Barra representa apenas 1% do território da Barra da Tijuca. O parque é totalmente cercado, em partes por muro, em partes por grades, e o acesso ao mesmo é feito por apenas uma entrada principal, voltada para a Avenida das Américas. O parque possui horários determinados de abertura e fechamento, mas, ainda assim, a entrada e o estacionamento são gratuitos.

O Bosque da Barra fica no encontro de duas vias de alta velocidade – a já citada Avenida das Américas e a Avenida Ayrton Senna (Fig.03 e 04). Não há estações de metrô no entorno, mas é possível acessar o parque através do sistema de BRT – há duas estações no entorno (o terminal Alvorada e a estação Lourenço Jorge).

O Bosque da Barra não é provido de muitos equipamentos. O parque não conta com restaurantes ou qualquer comércio que venda comida ou bebida. No parque encontram-se apenas alguns brinquedos para recreação infantil, alguns equipamentos esportivos como quadra de tênis e pista para corrida, e locais de serviços como sanitários, bebedouros e uma administração. No Bosque da Barra, as principais atividades esportivas encontradas foram o futebol, a corrida e o ciclismo. Além dos funcionários do parque, os profissionais encontrados nos locais variavam entre professores de ginástica (*personal trainer*) e fotógrafos que registravam casais, mulheres grávidas e eventos como aniversários infantis.

Pela vista aérea do parque, podemos ver que menos da metade da sua área é aberta à visitação, com percursos para caminhada. A maior parte permanece reservada, de modo a melhor conservar a vegetação do local.

O Bosque da Barra é uma reserva de vegetação da restinga, típicas de ambiente litorâneo em áreas de solo arenoso de origem marinha. Há uma proximidade com a praia embora não esteja conectada diretamente a ela. É possível caminhar da praia até o parque, porém não há um contato visual entre estes dois espaços. A densa vegetação proporciona um sombreamento dos caminhos, no interior do parque, e a presença do lago contribui para a redução da temperatura local, tornando o passeio pelo parque mais agradável (Fig.05 e 06).

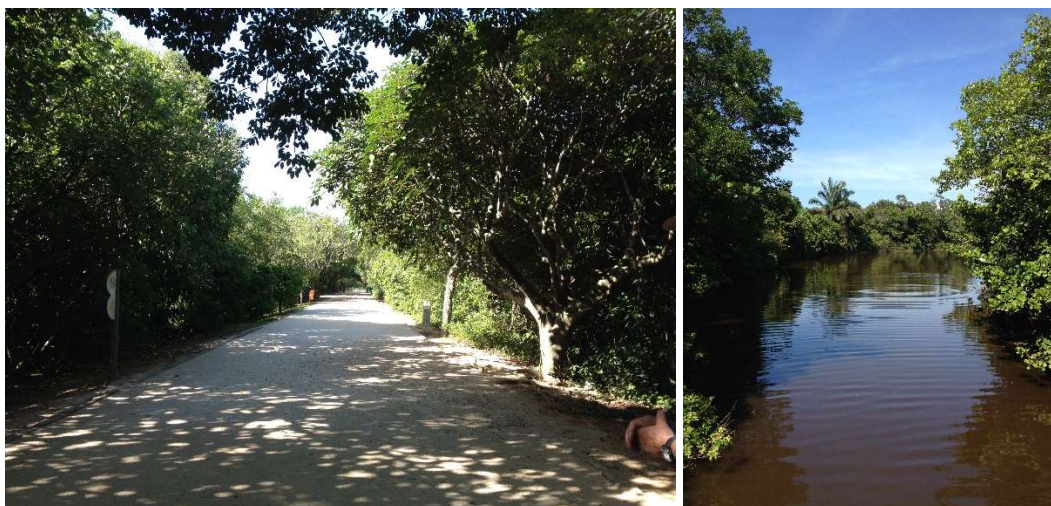


Fig. 05 e 06. Fotos tiradas nas visitas ao Bosque da Barra. Na foto da esquerda, observa-se a vegetação densa do parque e, à direita, o lago do parque.

4.2.3

Parque do Flamengo

O Parque do Flamengo pertence à IV Região Administrativa da cidade. Devido à sua forma linear, o Parque atravessa 3 bairros diferentes: Botafogo, Flamengo e Glória, e é adjacente a outros três: Laranjeiras, Catete e Centro. O parque representa 16% da área total dos três bairros aos quais pertence (Fig. 07).

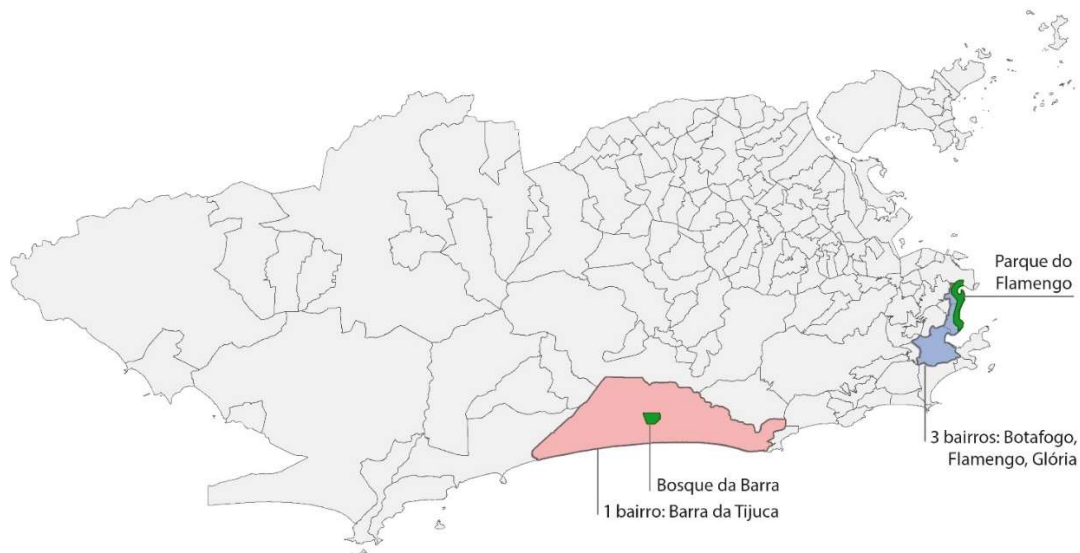


Fig. 07 Localização dos parques na cidade com limites dos bairros nos quais se encontram.

O Parque do Flamengo não possui elementos de cercamento, como muros ou grades. Ele fica aberto 24 horas por dia, todos os dias da semana. Isso não quer dizer, entretanto, que não haja barreiras físicas para o acesso ao parque. Assim como o Bosque da Barra, o Parque do Flamengo é cortado do seu entorno imediato devido à presença de uma via de alta velocidade, a avenida do aterro. Esta é uma via de alta velocidade e não possui sinais, então os visitantes que chegam a partir dos bairros de Botafogo, Flamengo, Glória ou Catete, acessam o parque através das passarelas, que cruzam sobre a via de alta velocidade, ou por passagens subterrâneas. Ainda assim, o parque é facilmente acessível através da rede de transportes públicos da cidade - há seis estações de metrô nos arredores além de estações de ônibus e estacionamentos.

Assim como o Bosque da Barra, o Parque do Flamengo também é um parque litorâneo. No caso, ele ainda é mais próximo da praia do que o Bosque da Barra. (Fig. 08) A praia é um elemento importante na paisagem, faz parte do horizonte, da

vista que se tem no parque, mas, como a água possui altos índices de poluição, ela não é própria para o banho. Ou seja, apesar da presença da praia, a importância do parque pela sua qualidade e o serviço ambiental predomina sobre o da praia.

O parque jaz sobre um aterro iniciado em 1951, feito com material proveniente do desmonte do morro de Santo Antônio, no centro da cidade. Como o terreno foi construído sobre o mar, o paisagismo do parque é inteiramente planejado, plantado. Ou seja, as espécies que encontramos no parque são todas externas ao sítio original, apesar de serem em grande parte típicas do clima tropical.



Fig. 08 e 09 Fotos tiradas no Parque do Flamengo durante as visitas. Observa-se a proximidade com monumentos turísticos da cidade e a ciclovia sombreada.

O Parque do Flamengo articula uma série de equipamentos importantes para a cidade, como uma marina (a Marina da Glória), museus (como o MAM - Museu de Arte Moderna), clubes, monumentos históricos, bares, restaurantes, quadras esportivas (futebol, tênis, etc.), pista de skate, ciclovias (Fig. 09), academias abertas, entre outros. A multifuncionalidade do parque garante uma utilização e ocupação mais plena (Fig. 10 e 11), enfatizando o seu papel do ponto de vista social. Entre os usos identificados, além da corrida e ciclismo, foram identificados esportes como vôlei e tênis, além de atividades de lazer como *slack-line*, passeio com cachorro, caminhadas e o uso da academia de ginástica pública. Entre os profissionais a trabalho no parque, foram avistados vendedores e massagistas.



Fig. 10 Vista aérea do Parque do Flamengo.

Fonte: Google Earth.



Fig. 11 Demonstração de ocupação do Parque do Flamengo.

Fonte: elisasobral.blogspot.com.br

4.3

Questionários presenciais

É importante ressaltar que o objetivo da pesquisa não é designar um perfil ‘típico’ do usuário de cada parque, mas entender as expectativas dos usuários e criar um mapa de percepções a partir das suas respostas. Não há um perfil uma vez que esses espaços reúnem pessoas de diferentes faixas etárias, bairros e interesses. As opiniões dos entrevistados refletem os perfis de alguns grupos que frequentam o parque, porém não representam necessariamente a maioria. Dito isso, as respostas apresentadas a seguir podem demonstrar uma tendência das expectativas, dos desejos e das percepções acerca do parque.

4.3.1

Idade dos entrevistados

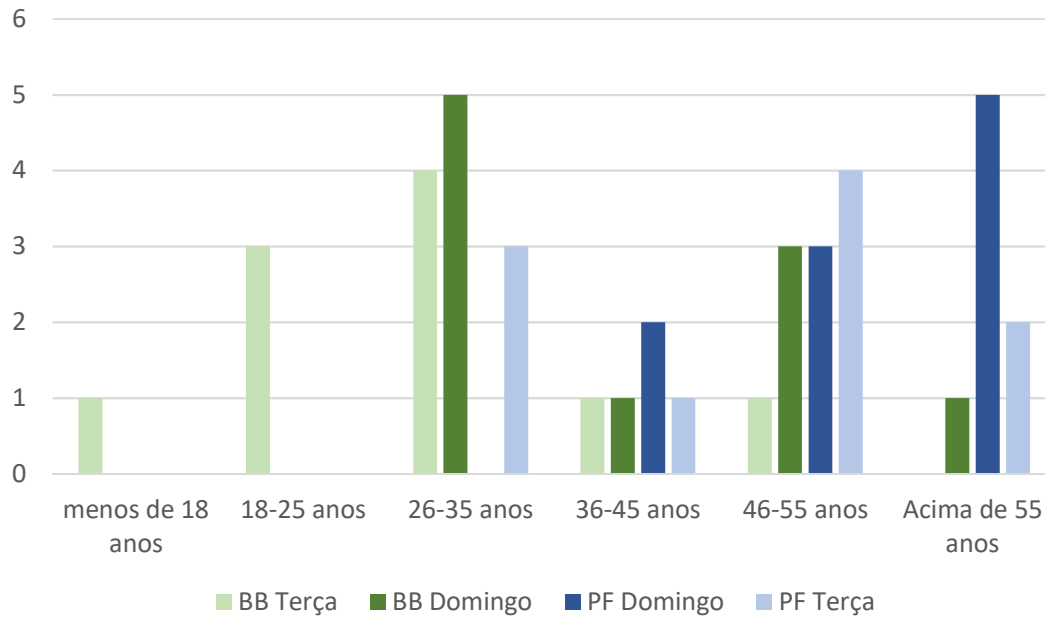


Fig. 12 Idade dos entrevistados nos parques.

No Bosque da Barra, durante a semana, sete dos dez entrevistados tinham entre 18 e 35 anos (70%), um tinha menos de 18 anos (10%), um tinha entre 36-45 (10%) e uma pessoa tinha mais de 55 anos (10%). Durante o fim de semana, cinco entrevistados tinham entre 26-35 anos de idade (50%), um tinha entre 36-45 anos (10%), três tinham entre 46-55 anos (30%) e um era acima de 55 anos (10%). Foi encontrado um público mais jovem durante a semana mas, ainda assim, no fim de semana predominou um público entre 26-35 anos (Fig.12)

No Parque do Flamengo não foram entrevistadas pessoas com menos de 26 anos de idade. Durante a semana, duas pessoas tinham entre 36-45 anos (20%), três tinham entre 46-55 anos (30%) e cinco eram acima de 55 anos (50%). No domingo três pessoas tinham entre 26-35 anos (30%), uma tinha entre 36-45 (10%), quatro tinham entre 46-55 anos (40%) e duas tinham mais de 55 anos (20%).

Em resumo, o público entrevistado no Bosque na Barra era mais jovem do que o público do parque do Flamengo. Também foi observado que o público entrevistado durante a semana era mais jovem do que no fim de semana. Essa tendência se repetiu em ambos os parques.

Estas observações podem ser um reflexo da população que habita nos bairros ao redor do parque. É importante levar em consideração, portanto, que as opiniões emitidas pelos visitantes do Bosque da Barra refletem as percepções de um público mais jovem, enquanto o Parque do Flamengo traz questões de um público mais velho.

4.3.2

Frequência que vem ao Parque

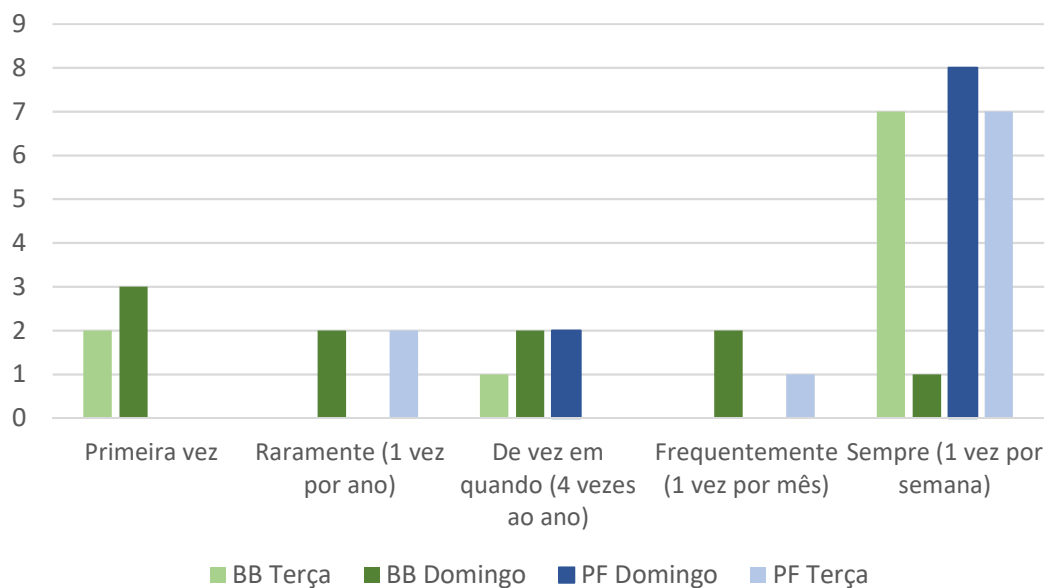


Fig. 13 Frequência que os usuários vêm aos parques.

Em ambos os parques, o público que frequenta o parque durante a semana demonstra um padrão de visitação de maior frequência e assiduidade (Fig. 13). Os que vem ao parque durante a semana geralmente vem realizar alguma atividade física e por isso relatam vir com uma frequência de até 3 vezes na semana. No fim de semana, os usos são mais diversos e por isso não acarretam na mesma regularidade. Isso é evidente nas entrevistas no Bosque da Barra, quando há um grande contraste de regularidade entre os visitantes do dia de semana e do fim de semana. No Parque do Flamengo, entretanto, não foi verificado o mesmo contraste.

No Bosque da Barra, foram entrevistados usuários que relataram estar no parque pela primeira vez – 20% no dia de semana e 30% dos entrevistados do fim de semana. Já durante a semana, a grande maioria dos entrevistados (70%) relatou vir

sempre ao Bosque da Barra, isto é, mais de uma vez por semana. Apenas uma pessoa entrevistada no fim de semana relatou vir sempre (10%). Foi identificado, portanto um contraste entre a frequência dos usuários no dia de semana e no fim de semana.

No Parque do Flamengo, entretanto, este contraste não se repete. Os públicos do fim de semana e da semana demonstraram um padrão semelhante de visitação ao parque. A maioria dos entrevistados disse vir ao parque sempre – 80% no dia de semana e 70% dos entrevistados no fim de semana. Nenhum entrevistado do Parque do Flamengo disse estar lá pela primeira vez.

4.3.3

Bairros onde moravam

Entre os entrevistados do Parque do Flamengo, percebeu-se uma predominância de moradores dos bairros adjacentes ao parque (Botafogo, Catete, Flamengo, Glória e Laranjeiras), um padrão que se repetiu no dia de semana e no fim de semana. No Bosque da Barra, por outro lado, houve uma grande diferença entre o público que frequentava durante a semana e o fim de semana.

Durante a semana, os frequentadores do Bosque da Barra moravam majoritariamente em bairros da zona oeste (Barra da Tijuca, Campo Grande e Recreio dos Bandeirantes). No fim de semana, além destes locais já mencionados, foram citados outros bairros t mm da zona oeste, como Jacarepaguá, da zona norte e moradores de outros municípios como São Gonçalo e São Paulo. A distância dos trajetos percorridos pelos usuários para chegar nos parques está apresentada na figura 14.

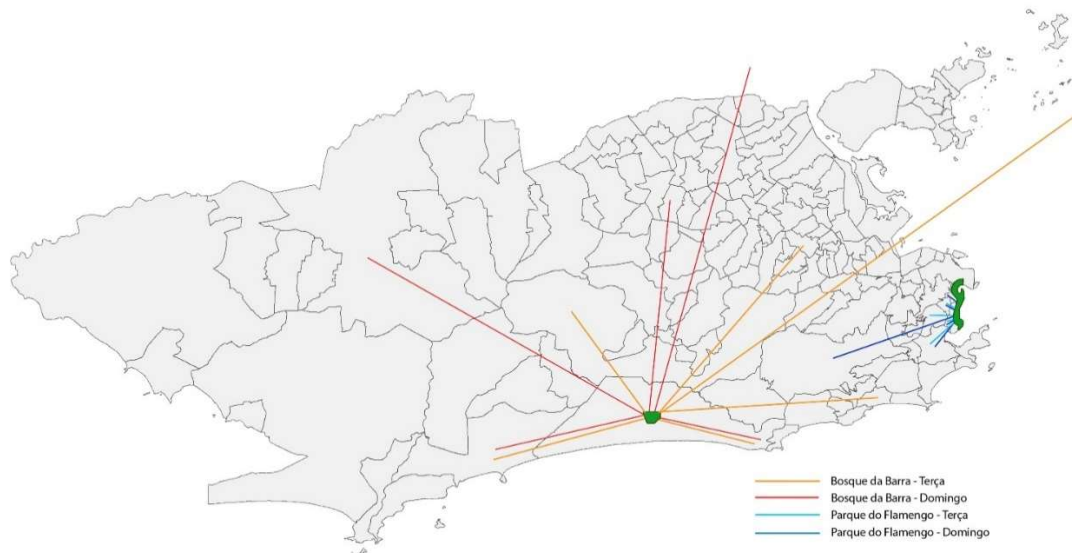


Fig. 14 Distância percorrida pelos entrevistados ao parque.

Fonte: Mapa Elaborado pela autora

Entre os entrevistados do Bosque da Barra, três pessoas relataram morar na Barra da Tijuca (30%), três no Recreio dos Bandeirantes (30%), duas em Campo Grande (20%), uma em Bento Ribeiro (10%) e uma em Caxias (10%). No domingo, duas pessoas relataram morar na Barra da Tijuca (20%), duas no Recreio dos Bandeirantes (20%), duas em Jacarepaguá (20%), uma em Cachambi (10%), uma no Leblon (10%), uma em São Gonçalo (10%) e uma em São Paulo (10%). No fim de semana foi verificado um resultado mais diversificado do que durante a semana.

Nas entrevistas no Parque do Flamengo, entre os entrevistados de domingo, nove dos dez entrevistados relataram morar nos bairros do entorno imediato: seis pessoas moravam no Flamengo (60%), uma morava em Botafogo (10%), uma morava na Glória (10%), uma morava no Catete (10%). A única entrevistada que não morava ao redor do parque morava na Tijuca e, coincidentemente, foi a única pessoa que relatou ter vindo ao parque de carro.

Todos os entrevistados na terça relataram morar nos bairros do entorno imediato: quatro pessoas moravam no Flamengo (40%), quatro moravam em Laranjeiras (40%), uma morava em Botafogo (10%) e uma morava no Catete (10%). Destes, uma entrevistada relatou morar em Curitiba mas estava de passagem pelo Rio e, nesse tempo, estava hospedada em Laranjeiras.

4.3.4

Transporte – Como o usuário veio ao parque

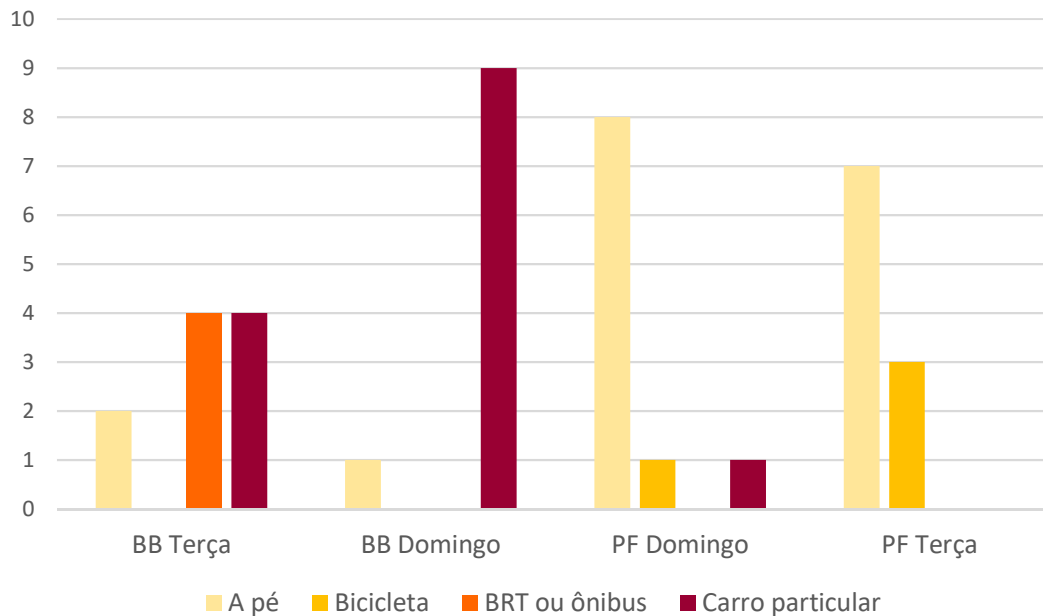


Fig. 15 Modo de transporte utilizado para vir ao parque.

Entre os entrevistados do Bosque da Barra, os principais meios de transporte utilizados para vir ao parque foram o BRT e o carro particular (Fig. 15). Durante a semana, quatro pessoas responderam ter vindo de ônibus ou BRT (40%) e quatro responderam de carro (40%). Os demais relataram ir ao parque a pé (20%). No fim de semana, nove pessoas disseram ter vindo de carro (90%) enquanto apenas um entrevistado relatou vir a pé (10%).

O Parque do Flamengo pode ser acessado por uma ampla rede de transportes, que inclui ônibus, metrô, ciclovias além de estacionamento para veículos particulares. Entretanto, a grande maioria dos visitantes relatou vir ao parque a pé - 80% no final de semana e 70% durante a semana. Apenas uma entrevistada, no domingo, relatou vir de carro. Todos os demais entrevistados disseram vir de bicicleta. Nenhum dos entrevistados disse vir de ônibus ou metrô.

Esta observação pode estar relacionada ao ponto anterior: no parque onde as pessoas vêm de carro, elas percorrem uma distância maior. No parque onde as pessoas vêm a pé, elas percorrem distâncias menores para lá chegar.

4.3.5

Citar um parque perto de casa

Foi pedido aos visitantes que eles citassem o parque mais perto da casa deles. Durante a semana, mais pessoas relataram que os próprios parques onde se encontravam eram os parques mais próximos das suas casas. No fim de semana, no Parque do Flamengo, a maioria dos visitantes ainda atestou que o Parque do Flamengo era o mais próximo das suas casas. Uma maior diferença foi observada no Bosque da Barra, onde 60% dos entrevistados do fim de semana mencionaram outros parques como mais próximos das suas casas. Mais uma vez, observamos que o usuário do Bosque da Barra veio de mais longe. O fato de essas pessoas não terem escolhido o parque mais perto de suas casas para passar o domingo demonstra um compromisso prévio ou especial no Bosque da Barra como aniversários ou encontros agendados com amigos. No Bosque da Barra, alguns usuários não souberam informar os parques mais perto das suas casas, o que não aconteceu no Parque do Flamengo.

Durante a semana no Bosque da Barra, cinco pessoas (50%) responderam o próprio Bosque, três pessoas disseram que desconheciam (30%), uma citou a 'Praça do Pomar' (10%) e uma outra o Parque Madureira (10%). No domingo, três pessoas responderam o próprio Bosque da Barra (30%), duas pessoas citaram o Parque do Condomínio Rio 2 (20%), uma citou o Parque Ecológico Chico Mendes (10%), uma citou o Bosque da Freguesia (10%), uma citou o Parque Dois Irmãos (10%), uma citou o Campo de São Bento, em Niterói (10%) e apenas uma não soube responder (10%). Foi encontrada uma maior diversidade de respostas e um maior conhecimento sobre os parques no fim de semana.

De modo geral, os entrevistados do Parque do Flamengo demonstraram conhecer mais parques. Apenas uma pessoa dos vinte entrevistados disse desconhecer outros parques. Ao serem perguntados sobre o parque mais perto da casa, no domingo, nove entrevistados responderam o próprio Parque do Flamengo (90%). A pessoa que morava na Tijuca respondeu a Praça Afonso Pena (10%). Durante a semana, oito responderam o próprio Parque do Flamengo (80%) e duas responderam o Parque Guinle, (20%). Dessas que responderam o Parque Guinle, uma também mencionou a Praça São Salvador.

4.3.6

Citar outros parques

O ‘*word cloud*’, ou nuvem de palavras, é um método de apresentação que reflete a intensidade que uma palavra foi utilizada através da variação do tamanho da fonte. Os termos com as letras maiores refletem aqueles que foram repetidos mais vezes. A Figura 16 reúne todos os parques citados pelos visitantes entrevistados quando foi pedido que eles citassem outros parques que conheciam.



Fig. 16 Outros parques no Rio de Janeiro citados pelos visitantes.

Em ambos os dias de entrevista no Bosque da Barra, houve uma porcentagem dos entrevistados que disse não conhecer ou não saber citar outros parques na cidade. Na terça, o número de entrevistados que desconhecia outros parques chegou a 50%.

Nenhum usuário do Parque do Flamengo citou o Bosque da Barra enquanto dois visitantes do Bosque da Barra citaram o Parque do Flamengo. O parque mais citado foi o Jardim Botânico, com 14 menções, seguido pelo Parque Lage com 12 menções, a Lagoa com 7 menções, e o Parque Nacional da Tijuca e a Quinta da Boa Vista, cada um com 6 menções.

É importante ressaltar que foi identificada entre os entrevistados uma confusão acerca da definição de parque. Alguns entrevistados citaram outros tipos de áreas verdes, como florestas ou praças no lugar de parques, o que demonstra uma falta de clareza quanto à definição do que é verdadeiramente um parque para os usuários.

4.3.7

Atividades realizadas no parque

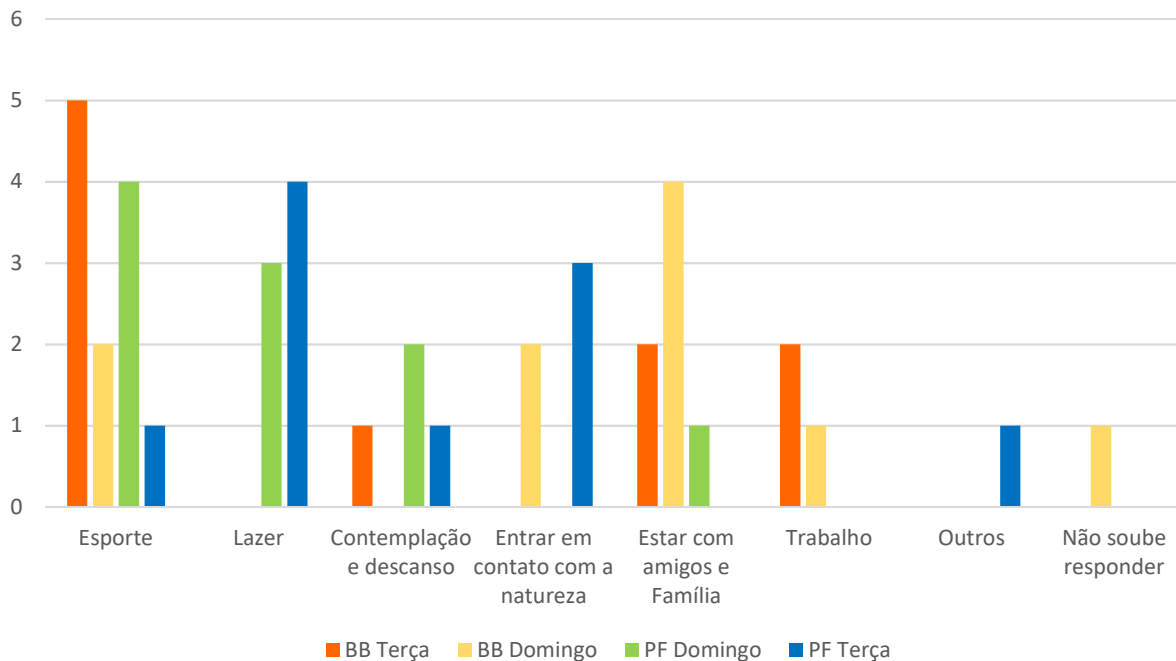


Fig. 17 Atividades realizadas nos parques

No Bosque da Barra, pudemos observar uma diferença entre as atividades realizadas na semana e no fim de semana. Durante a semana, observamos mais atividades relacionadas ao ‘esporte’, como corrida e futebol, enquanto no fim de semana as pessoas relatavam vir para ‘estar com amigos e família’. No Parque do Flamengo, predominaram nos dois dias as atividades relacionadas ao esporte e ao lazer (Fig. 17).

Durante a semana no Bosque da Barra, cinco entrevistados (50%) disseram vir ao Bosque realizar atividades relacionadas ao esporte, dentre as quais predominaram o futebol e a corrida. Os corredores particularmente elogiaram a qualidade das pistas de corrida do parque. Dois entrevistados relataram vir ao Bosque para passar tempo com amigos ou familiares (20%), duas pessoas (20%) disseram que vem ao trabalho, no caso uma era ‘*personal trainer*’ e a outra trabalhava com fotografia de eventos, e apenas uma pessoa (10%) disse vir ao parque pela contemplação e descanso, mais especificamente para fazer meditação.

Por outro lado, no fim de semana, apenas duas pessoas destacaram o esporte como motivo de vinda ao parque (20%). A maior parte dos entrevistados relatou vir ao

parque aos domingos para estar com amigos e família (40%). Vale ressaltar que muitos dos grupos observados no parque nesse dia estavam reunidos para comemorar eventos especiais, como aniversários. Duas pessoas relataram vir ao parque pelo contato com a natureza (20%), uma relatou estar a trabalho (10%), no caso um integrante de uma equipe de fotografia, e um entrevistado não soube responder (10%).

Mais uma vez, não houve um grande contraste entre comportamento do público no Parque do Flamengo do dia da semana e do fim de semana. As atividades predominantes nos dois dias eram relacionadas à atividade física: 70% dos usuários no domingo e 50% na terça. Futebol, tênis e corrida foram considerados esportes enquanto atividades como caminhada e ginástica nos equipamentos do parque entravam na categoria lazer. No domingo, apenas uma pessoa respondeu que veio ao parque para passar tempo com entes queridos (10%) e duas relataram vir ao parque para contemplação e descanso (20%). Na terça, três entrevistados estavam no parque por motivo de trabalho - uma massagista, um vendedor de picolé e um 'personal trainer' (30%). Uma pessoa relatou estar lá para a contemplação e descanso (10%) e uma pessoa disse vir ao parque para passear com o cachorro. (10%).

4.3.8

O que mais aprecia no parque

Os elogios aos parques foram semelhantes entre si. De modo geral, a beleza natural, a biodiversidade e os atrativos dos parques foram os pontos mais citados. No Bosque da Barra, durante a semana, ao serem perguntados sobre o que eles mais apreciavam no parque, quatro entrevistados mencionaram a 'beleza natural' e a 'biodiversidade'. O 'frescor' e o 'espaço' foram os termos citados por dois visitantes diferentes, assim como 'os atrativos do parque' e a 'proximidade' de casa ou do trabalho também foram citados.

No domingo, nove dos dez entrevistados responderam fatores relacionados à natureza e à ambiência: seis pessoas disseram a 'beleza natural e biodiversidade', uma pessoa falou do 'espaço', uma falou do 'frescor' e uma falou da 'preservação, organização e limpeza' do parque. Uma pessoa não soube responder.

No Parque do Flamengo, o fator social ‘encontrar amigos’ foi destacado como ponto positivo. Considerando que foi nas entrevistas foi encontrado um público fortemente local, muitos dos usuários podem se conhecer do próprio bairro. A praia e a vista também surgiram como aspectos positivos. No fim de semana, sete dos dez entrevistados responderam fatores relacionados à natureza e à ambiência: sete pessoas disseram a ‘beleza natural e biodiversidade’, três utilizaram o termo ‘espaço’ e três falaram da ‘vista’ como principal atributo do parque. Duas pessoas também citaram ‘a praia’, uma pessoa falou da ‘tranquilidade’, uma falou da ‘sombra’ e outra mencionou os ‘atrativos e serviços’ do parque. Duas pessoas comentaram também sobre a ‘facilidade de acesso’ e o fato do parque ser ‘democrático’, aberto a todos, e uma falou que gosta do parque pois ‘encontra com amigos’. Entre os entrevistados, uma pessoa falou que não gostava de nada no parque.

Já durante a semana, cinco pessoas responderam que o que mais apreciam é ‘a vista’ e quatro falaram dos ‘atrativos do parque’. Três pessoas falaram da ‘beleza natural e biodiversidade’, do ‘espaço’ e da ‘praia’. Duas pessoas citaram motivos sociais como ‘encontrar amigos’ ou o fato do parque ser bom para ‘ver o movimento de pessoas, crianças e animais’. Uma pessoa disse apreciar a ‘proximidade de casa’, uma falou sobre ‘tranquilidade’ e uma falou da sua ‘história’.

4.3.9

O que mais incomoda no parque

No Bosque da Barra, as principais reclamações eram em relação à estrutura do parque. Ao serem perguntados o que mais os incomodavam, três visitantes do Bosque da Barra durante a semana responderam absolutamente nada (30%). Os fatores mencionados pelo incômodo foram ‘mosquito’, por duas pessoas, a ‘falta de manutenção’, por duas pessoas, e a ‘falta de infraestrutura’, também por duas pessoas. Aqueles que se incomodaram com a falta infraestrutura ressaltaram a escassez de banheiros, bebedouros e a falta de um lugar para lanche. Uma pessoa mencionou o ‘lixo’ como um fator de incômodo no parque.

Entre as críticas no fim de semana, a principal reclamação foi relacionada à dificuldade de estacionar no Bosque da Barra - três pessoas consideravam o número

de vagas disponíveis insuficiente para a demanda e reclamaram dos horários de funcionamento do estacionamento no fim de semana. Essa reclamação surgiu apenas na segunda visita, o que faz sentido considerando o elevado número de entrevistados que relatou ter vindo ao parque de carro no domingo. Durante a semana o estacionamento não atinge a sua capacidade então não representa um problema para os visitantes. Duas pessoas também criticaram a ‘falta de serviços e infraestrutura’, como a falta de um restaurante, uma lanchonete ou mesmo uma área para fazer churrasco; duas pessoas acham que o parque deveria ter ‘mais árvores e mais sombra’; uma pessoa reclamou do parque ficar ‘muito cheio’ no fim de semana, uma pessoa reclamou do ‘barulho’ e uma pessoa reclamou da ‘insegurança’. Apesar destas críticas, quatro pessoas disseram que nada os incomodava no parque (40%).

Ao contrário do que se esperava, a principal crítica dos usuários do fim de semana do Parque do Flamengo não foi relativa à insegurança, mas ao ‘lixo’, com cinco menções (50%), e a ‘falta de manutenção e cuidado’, com quatro reclamações. A insegurança segue em terceiro lugar, com três críticas. Duas pessoas reclamaram da ‘água poluída’ da praia e o fato de não poder mergulhar, duas pessoas reclamaram sobre os ‘cachorros’, que os outros visitantes deixam soltos, e uma pessoa reclamou da ‘falta de educação’ dos demais visitantes. Foi interessante constatar que algumas das principais reclamações estavam mais direcionadas aos outros visitantes do que propriamente à estrutura do parque.

Já durante a semana, a crítica predominante foi em relação à ‘insegurança’, com cinco menções. Em seguida foi a presença do ‘lixo’, com três menções. A ‘falta de manutenção’, a ‘água poluída’ da praia e a ‘falta de educação dos visitantes’ também foram mencionados uma vez.

4.3.10

Mapa de percepções

O objetivo dessa pergunta era desenhar um mapa de sensações e percepções dos visitantes em relação aos parques. Um estudo sobre a semântica dos termos utilizados pelos visitantes na descrição é importante para perceber a visão do usuário sobre o parque. Na figura 18, foram agrupados os termos mencionados nas duas visitas ao Bosque da Barra.



Fig. 18 Termos utilizados para descrever o Bosque da Barra.

O substantivo ‘natureza’ foi o termo mais utilizado pelos usuários para descrever o parque, seguido dos termos ‘bonito’, ‘família’, ‘paz’, ‘tranquilidade’ e ‘agradável’. O uso de termos conceitos como ‘paz’ e ‘família’ reflete as associações que o parque desperta nas pessoas. Todos os adjetivos escolhidos pelos usuários possuem conotações positivas sobre a paisagem do parque.

No Parque do Flamengo, no entanto, não há o claro predomínio de um termo como no Bosque da Barra. Os termos utilizados pelos visitantes são mais diversificados. Do mesmo modo, encontramos na figura 19 termos de conotações positivas e negativas, como ‘mal cuidado’, ‘falta de educação’ e ‘sujo’.



Fig. 19 Termos utilizados pelos usuários para descrever o Parque do Flamengo.

Observamos também o uso de termos referentes aos visitantes em si como ‘gente amável’, ‘crianças brincando’, ‘parque dos pobres’, ‘diversidade’, o que enfatiza o caráter social do parque. O fato do Parque do Flamengo ser um parque democrático é percebido como um aspecto positivo pelos usuários. Houve a menção de elementos como ‘mar’, ‘céu’, ‘natureza’, termos que evidenciam os aspectos mais marcantes na paisagem para os visitantes, além de adjetivos como ‘lindo’ ou ‘belo’.

Surgiram muitas palavras em comum nas descrições dos dois parques, como “agradável”, “bonito”, “tranquilidade”. No Bosque da Barra houve o predomínio de termos de caráter positivo enquanto no Parque do Flamengo alguns usuários usaram termos de cunho negativo como “sujo”, “malcuidado” ou “falta de educação” para descrever o parque.

Em termos de associações das pessoas, o Bosque da Barra foi frequentemente associado ao conceito de ‘paz’ e ‘família’, enquanto o Parque do Flamengo foi associado à ‘liberdade’ e ‘diversão’.

4.3.11

Buscas na internet

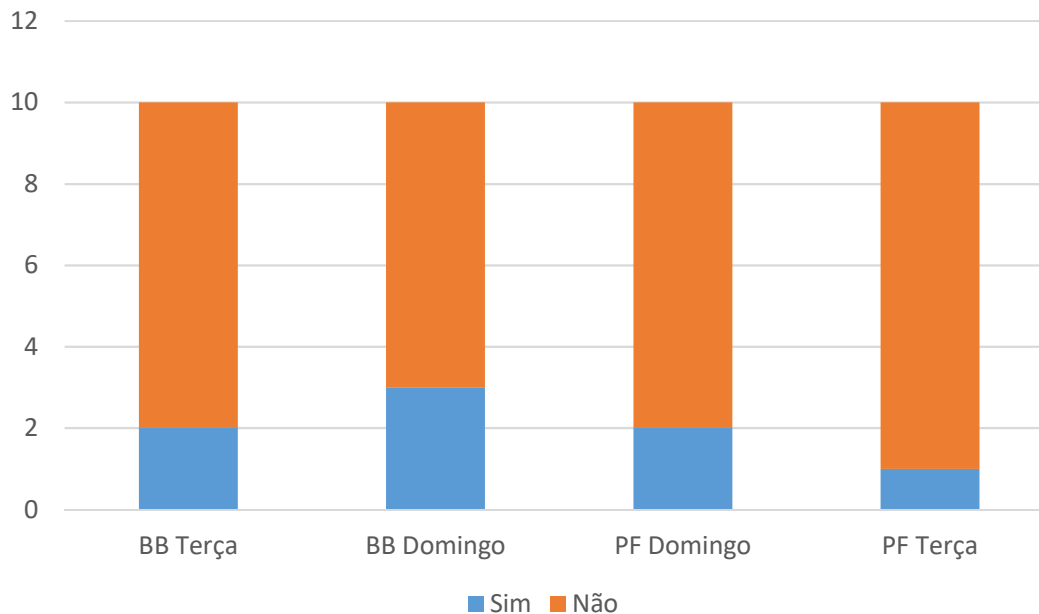


Fig. 20 Busca pelo parque na internet

Por fim, a última pergunta feita aos visitantes era em relação à presença do parque na internet. Foi perguntado aos visitantes se eles já tinham feito alguma busca sobre esses dois parques na internet. Não foi observada muita diferença nas respostas entre um parque e outro, nem entre o dia de semana e o fim de semana. De modo geral, predominou a resposta de que ‘não’. Isso sugere que o usuário habitual do parque não costuma buscar informações sobre o mesmo na internet. A tendência de realizar buscas sobre os parques na internet foi detectada entre os usuários que estavam no parque pela primeira vez, os tinham se mudado para o bairro recentemente e entre os visitantes que moravam mais longe do parque.

É importante ressaltar, entretanto, a diferença na presença de ambos os parques na internet. Enquanto o Parque do Flamengo possui um site próprio, com ampla divulgação de eventos, e perfil em redes sociais como *facebook*, *instagram* e *youtube*, o Bosque da Barra não tem um próprio site. Qualquer informação sobre o Bosque da Barra deve ser encontrada no *google* ou então em sites como o da associação dos moradores da Barra, que não é atualizado com frequência. Há, portanto, uma dificuldade para descobrir informações sobre o Bosque da Barra pela internet.

Sobre a presença do parque na internet, a diferença de postura entre os dois parques revela a diferença dos papéis de cada parque. Sendo o Parque do Flamengo um parque de cunho essencialmente social, a sua presença ativa na internet e mídias sociais contribui para atrair usuários e divulgar as atividades e eventos do parque. Por outro lado, visto que o Bosque da Barra prioriza o aspecto ambiental e a preservação da flora e fauna nativa, não é de surpreender que o parque não busque atrair tanta gente. Isso se torna claro não apenas pela escassez de informações sobre o parque na internet, como também pela sua política de controle de estacionamento nos fins de semana e o fato de menos da metade da sua área ser aberta à visitação.

4.4

Entrevistas 'online' com cariocas sobre Parques da Cidade

Para entender o impacto do parque e a sua identidade sobre o plano virtual, foi realizada uma pesquisa *online*, da qual participaram 200 cariocas, respondendo a perguntas sobre parques urbanos no Rio de Janeiro. O questionário consistia de 16 perguntas e também foi realizado no mês de Janeiro, em 2016. A divulgação da pesquisa foi realizada através de *e-mails* e redes sociais como o *facebook*.

4.4.1

Idade

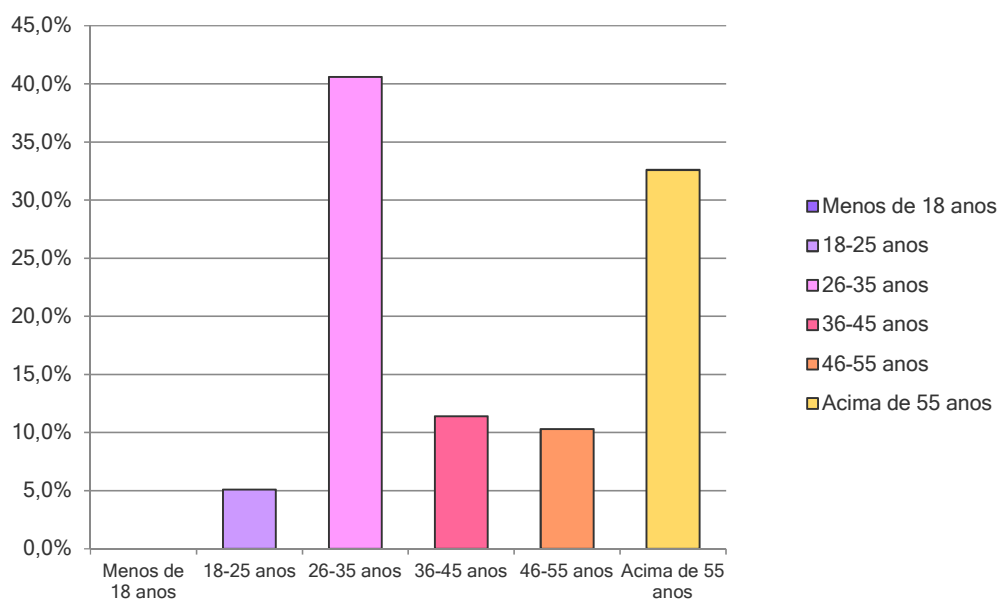


Fig. 21 Idade dos participantes da enquete *online*.

Predominaram duas faixas etárias: entre 26-35 anos e acima de 55.

4.4.2

Bairros em que moravam

Foram citadas 30 localidades diferentes, desde bairros na cidade do Rio de Janeiro a bairros em municípios vizinhos como Niterói, Duque de Caxias e São João de Meriti (Fig. 22).

No Rio de Janeiro, foram citados cinco bairros na zona oeste (Barra da Tijuca, Freguesia, Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes e Taquara), seis bairros na zona norte (Bento Ribeiro, Cascadura, Jardim Guanabara, Maracanã, Méier e Tijuca) quatorze bairros na zona sul (Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Flamengo, Gávea, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme e Urca), dois bairros na região do Centro da cidade (Praça da Bandeira e Lapa) e quatro bairros em municípios vizinhos (Duque de Caxias, Belford Roxo, Niterói e São João de Meriti).

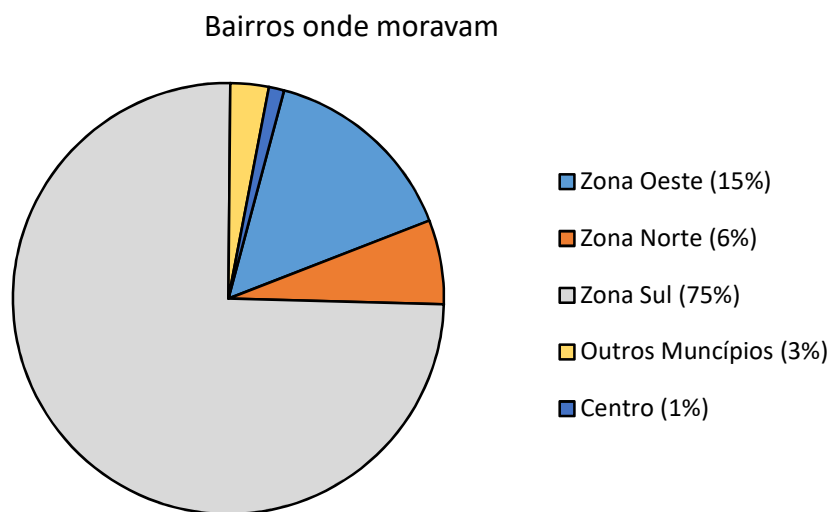


Fig. 22 Respostas do questionário *online*: Bairro onde moravam.

Das 174 pessoas que responderam, 26 moravam em bairros na Zona Oeste (15%), 11 moravam na Zona Norte (6%), 130 moravam na Zona Sul (75%), 2 pessoas moravam no centro (1%) e 5 moravam em municípios vizinhos (3%). A maioria dos entrevistados - 75% ou 130 pessoas - relataram morar na Zona Sul enquanto a população da Zona Sul do Rio de Janeiro representa apenas 16% da população

carioca. As respostas, portanto, vão refletir as opiniões de um público majoritariamente da zona sul da cidade.

4.4.3

Citar dois parques

Assim como com nas entrevistas presenciais, foi pedido aos entrevistados online que eles citassem dois parques que conhecessem no rio de janeiro. As respostas estão agrupadas na figura 23 abaixo.



Fig. 23 Nuvem de palavras de outros parques citados pelos visitantes.

Os quinze parques mais citados na entrevista online

Nome de Parque	Número de vezes citado
Parque Lage	85
Jardim Botânico	50
Parque do Flamengo	34
Parque da Cidade	26
Parque Nacional da Tijuca	20
Parque da Catacumba	19
Bosque da Barra	13
Parque Guinle	13
Quinta da Boa Vista	13
Parque dos Patins	12
Parque Madureira	10
Lagoa Rodrigo de Freitas	4
Jardins do Palácio do Catete	3
Parque Penhasco dois Irmãos	3
Parque Chico Mendes	3

4.4.4

Frequência que vai a parques

Foi feito aos internautas uma pergunta semelhante àquela colocada às pessoas nos questionários presenciais: Com que frequência eles iam a parques, considerando as alternativas: Nunca, raramente (exemplo: 1 vez por ano), de vez em quando (exemplo: 4 vezes por ano), frequentemente (exemplo: 1 vez por mês) e sempre (exemplo: 1 vez por semana).

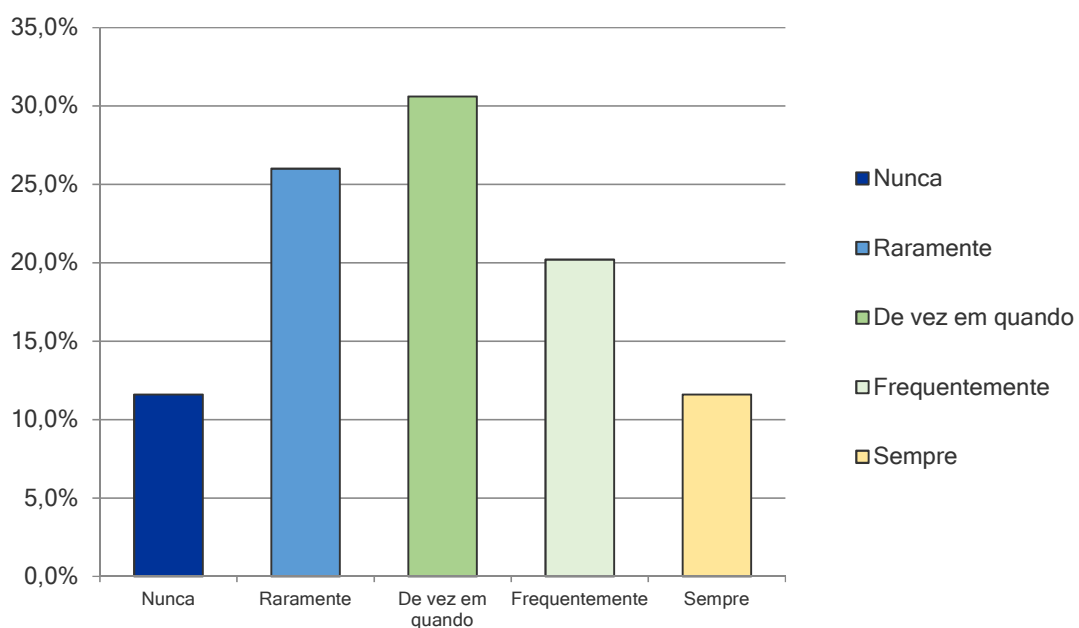


Fig. 24 Frequência que os entrevistados vão a parques.

A resposta mais repetida foi “de vez em quando”, com 30,6% ou 53 respostas. A segunda alternativa mais respondida foi “raramente”, com 26% ou 45 respostas. Observa-se, portanto, que mais de 50% das respostas eram relativas a uma frequência baixa de idas ao parque (Fig. 24).

Coincidentemente, as alternativas “nunca” e “sempre” receberam o mesmo número de respostas: 11,6% ou 20 respostas.

4.4.5

O que busca quando vai a um parque

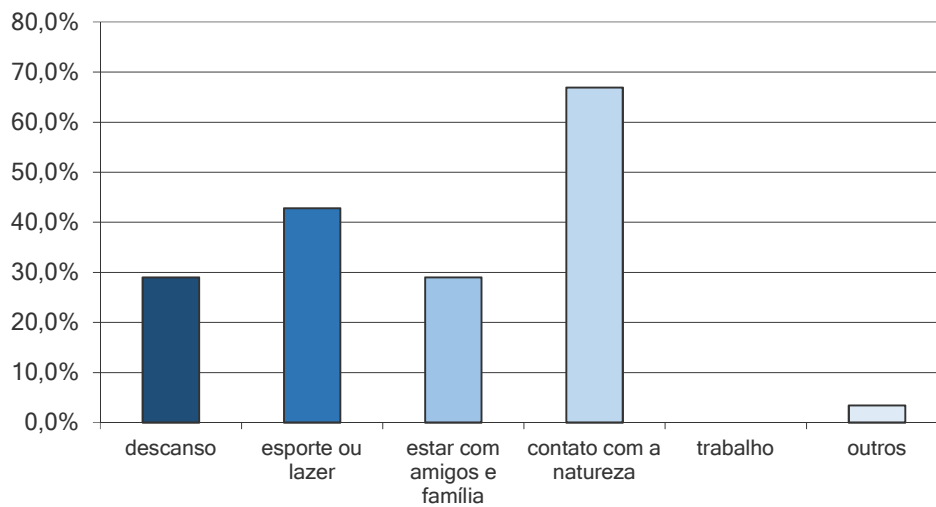


Fig. 25 O que o visitante busca no parque.

O 'contato com a natureza' apareceu em quarto lugar entre as entrevistas presenciais. Aqui ele foi o mais citado, com 67%. Em seguida ficou 'esporte ou lazer' com 43%, seguido por 'descanso' e 'estar com amigos e família', ambos com 29% (Fig. 25).

4.4.6

Conhece o Bosque da Barra

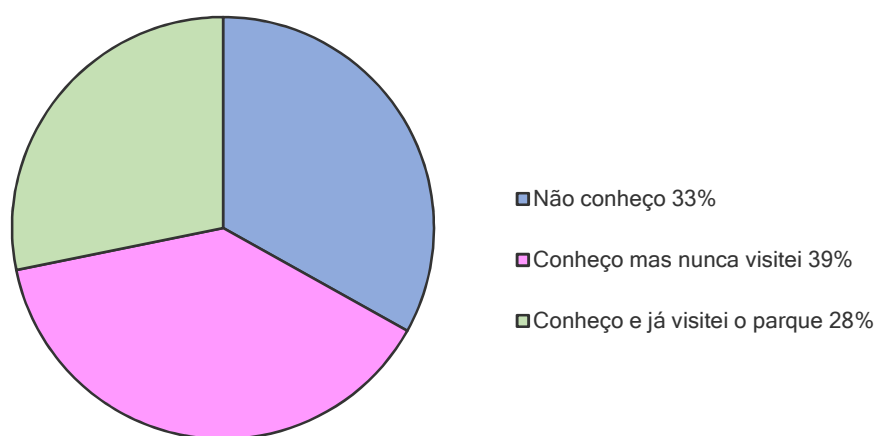


Fig. 26 Se os entrevistados conhecem o Bosque da Barra.

Apenas 28% dos 142 internautas que responderam a essa pergunta afirmaram já ter ido alguma vez ao Bosque da Barra enquanto 33% disseram que nunca tinha ouvido falar nesse parque. Ou seja, há mais pessoas que sequer sabiam da existência do Bosque do que pessoas que já o visitaram. A maior parte disse que já conhecia de nome mas nunca tinha visitado o espaço (Fig. 26).

4.4.7

Palavras para descrever o Bosque da Barra

Dentre as pessoas que responderam que “conheciam e já tinham ido” ao Bosque da Barra, foi pedido que dessem dois adjetivos para descrever o Bosque da Barra. Os principais termos utilizados podem ser verificados na figura 27.



Fig. 27 Nuvem de palavras para descrever o Bosque da Barra.

De modo geral, os termos se mantiveram próximos daqueles utilizados pelos usuários nas pesquisas presenciais. Predominaram as características positivas relativas à beleza natural do parque, como ‘bonito’ e ‘agradável’, porém surgiram alguns termos negativos referentes à localização e à desconexão da rede de transportes como ‘longe’ e ‘distante’.

4.4.8

Conhece o Parque do Flamengo

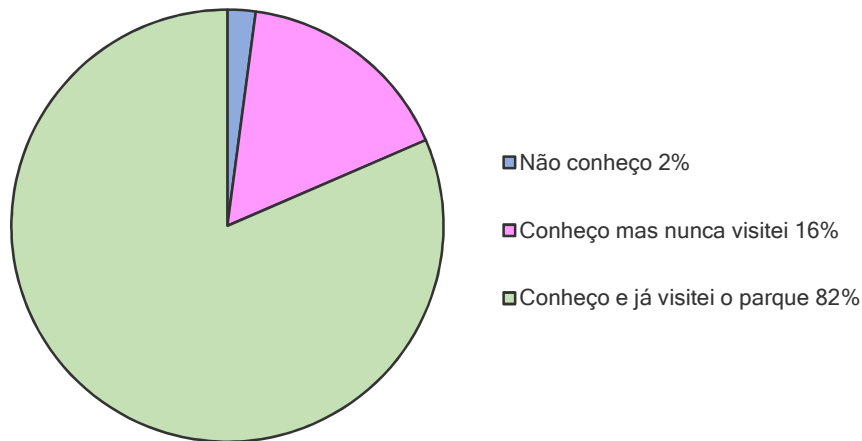


Fig. 28 Se os entrevistados conhecem o Parque do Flamengo.

Foi então perguntado aos internautas se eles conheciam o Parque do Flamengo. Dos 140 que responderam a essa pergunta, 82% (114 pessoas) disseram já ter ido ao Parque do Flamengo, 16% (23 pessoas) responderam que já tinha ouvido falar no parque, mas nunca tinham visitado e apenas 2% (3 pessoas) disseram que nunca tinham ouvido falar no Parque do Flamengo (Fig. 28).

Foi constatada uma grande diferença no conhecimento sobre os dois parques. O fato do Parque do Flamengo ser mais conhecido entre os participantes do que o Bosque da Barra pode estar relacionado ao fato do Parque do Flamengo ser mais próximo do Centro da cidade e ser mais conectado à rede de transportes públicos, sendo assim mais acessível. Não obstante, é importante levar em consideração que as pessoas que participaram da enquete *online* moram majoritariamente na Zona Sul e pertencem às faixas etárias entre 26-35 anos e acima de 55. Caso a enquete fosse conduzida com um maior número de pessoas, considerando pessoas que moram em outras regiões, esse contraste poderia ser menos evidente.

4.4.9

Palavras para descrever o Parque do Flamengo

Os principais termos utilizados para descrever o Parque do Flamengo pelos internautas entrevistados podem ser verificados na figura 29..



Fig. 29 Nuvem de palavras para descrever o Parque Flamengo.

Diferentemente da pesquisa presencial, as duas palavras mais mencionadas aqui foram de cunho negativo: “Inseguro” foi mencionada 24 vezes e “Perigoso” foi citada 19 vezes. Os termos ‘Lindo’ e ‘Bonito’, que também foram citadas presencialmente, permaneceram, assim como os termos ‘beleza’ e ‘natureza’, indicando que mesmo que os participantes estivessem afastados do local, os atributos naturais do parque ainda influenciam na percepção do local. Ainda assim, pôde ser observado que as características negativas do parque adquiriram mais força uma vez que o entrevistado estava distante do sítio em questão. O espaço virtual age como um filtro, alterando a percepção do usuário sobre o espaço físico.

4.4.10

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

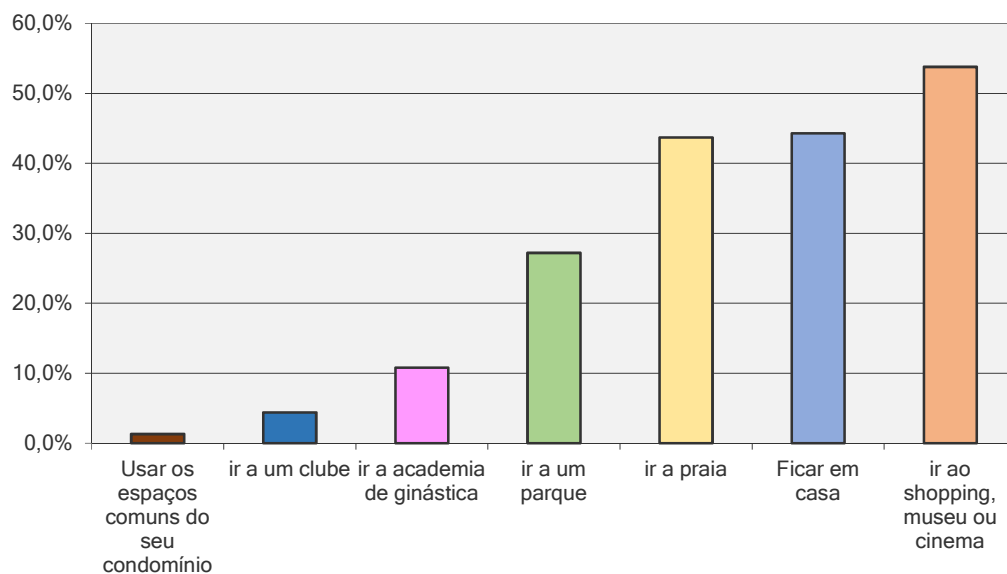


Fig. 30 O que os internautas gostam de fazer no tempo livre.

A resposta mais recorrente foi ‘ir ao shopping, museu ou cinema’(53,8%), conforme o resultado apresentado na figura 30. Estes três locais foram aqui agrupados por se tratarem de locais que propiciam a realização de atividades relacionadas ao lazer, a cultura e ao consumo, mas que ocorrem em espaços encerrados. Estes espaços nem sempre são públicos, muitas vezes pertencem a instituições privadas, mas são abertas ao público.

A segunda maior resposta foi ‘ficar em casa’(44,3%) seguida por ‘ir a praia’(43,7%). ‘Ir a um parque’ ficou em quarto lugar (27,2%).

4.4.11

Pesquisa na internet

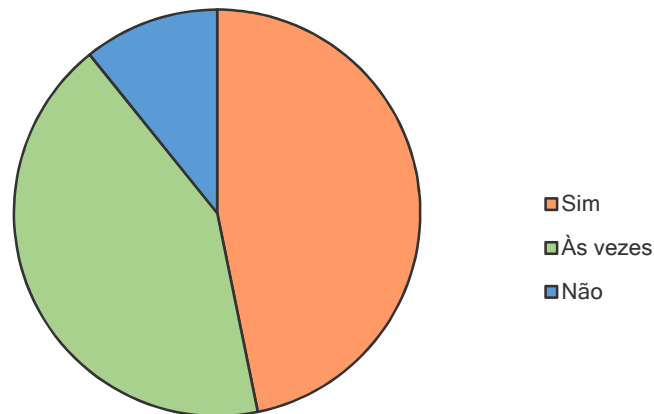


Fig. 31 Buscas na internet.

Como pode ser observado na figura 31, apenas 10,8% dos entrevistados disseram que não fazem pesquisa na internet antes de ir a algum lugar. Os demais 89,2% responderam que fazem pesquisas na internet, sendo que destes 42,4% responderam que só pesquisam às vezes.

O objetivo desta pergunta era entender o comportamento dos internautas em relação a buscas sobre lugares na internet. Tornou-se evidente que a maior parte dos participantes tem o hábito de fazer pesquisas cotidianamente sobre lugares que elas ainda irão visitar. Ao correlacionar essa resposta com a pergunta feita presencialmente com os usuários dos parques, onde em média apenas 10% dos entrevistados disseram que já fizeram alguma pesquisa sobre os parques na internet, pode-se inferir que as pessoas tendem a fazer buscas sobre lugares que elas desconhecem. Quando se trata de um espaço que elas visitam com frequência, a vivência real sobrepõe ou até mesmo substitui a experiência virtual.

4.5

Comparativo entre as respostas presenciais e do questionário online

Ao longo da pesquisa *online*, algumas pessoas vão deixando de responder. Isso é comum e ocorre por motivos variados – pode haver um erro no sistema enquanto a pessoa responde alguma pergunta, a pessoa pode não entender ou não ter uma resposta para determinada pergunta, pode parar de responder o questionário no meio. Isso faz com que a porcentagem das respostas vá variando conforme o número de respostas obtidas. O questionário inicialmente contou com 200 pessoas participando, porém, algumas perguntas receberam apenas 140 respostas.

Embora o esforço e tempo investido nas pesquisas presenciais foi consideravelmente maior, a amostragem obtida no questionário *online* foi superior. A seguir, um comparativo entre as principais diferenças nas respostas entre o questionário *online* e o presencial.

4.5.1

Bairros em que moravam

A grande maioria dos entrevistados - 75% ou 130 pessoas - relataram morar na Zona Sul enquanto a população da Zona Sul do Rio de Janeiro representa apenas 16% da população carioca. Os 25%, ou 44 pessoas remanescentes se distribuíam entre bairros da Zona Norte, Zona Oeste e Centro do Rio ou então em municípios vizinhos.

Esse padrão pode apontar um viés nas respostas que represente mais o padrão de comportamento da população que mora na Zona Sul. Isso não foi considerado um problema uma vez que o objetivo desta pesquisa não é gerar um perfil do usuário, mas entender as variadas percepções da população sobre os parques.

4.5.2

Citar dois parques que conheciam: os parques mais citados tinham a palavra 'Parque' no nome

Diferentemente das entrevistas presenciais, onde o parque mais citado foi o Jardim Botânico, nas entrevistas *online* o parque mais mencionado foi o Parque Lage.

Ainda assim, o Jardim Botânico demonstrou ocupar um espaço significativo na mente dos entrevistados, surgindo como o segundo parque mais citado.

Interessante perceber que o Parque da Cidade, um parque remoto e de difícil acesso, no bairro da Gávea, ficou em quarto lugar. Foi curioso observar também que o Parque dos Patins, um segmento da Lagoa Rodrigo de Freitas, teve mais menções do que outros parques importantes da cidade como o Parque Madureira ou a Lagoa em si.

Uma das interpretações para esse resultado é que o uso do termo ‘Parque’ ao fazer a pergunta pode ter gerado um viés nas respostas dos entrevistados, já que muitas das respostas incluem a palavra ‘parque’ no nome, mesmo nos casos de áreas que não são parques. A exemplo do Parque do Patins, uma área cimentada, sem cobertura verde, que faz parte de um parque maior, a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Essa observação evidencia mais uma vez uma confusão em relação ao termo ‘parque’, muito abrangente e genérico.

Essa constatação pode indicar um fator enfraquecedor do questionário, que gere confusão na hora de responder, induzindo os entrevistados a responderem lugares com o termo ‘parque’. Numa futura pesquisa, seria mais interessante utilizar termos como ‘espaços verdes’ ou ‘espaço público urbano de lazer’ ao fazer a pergunta. A palavra ‘parque’ possivelmente interferiu nas respostas.

4.5.3

Frequência e o que gostam de fazer no tempo livre: internautas preferem praia sobre parque e só vão de vez em quando

Um dos principais objetivos ao fazer o questionário *online* era ouvir a opinião daqueles que não estavam no parque no momento em que entrevistas presenciais foram realizadas. Não é de se surpreender, portanto, o contraste na frequência entre os usuários das pesquisas presenciais e aqueles que participaram do questionário *online*.

Enquanto em ambos os parques (Bosque da Barra e Parque do Flamengo), a maioria dos entrevistados relatou ir sempre aos parques (ao menos uma vez na semana),

sobretudo os entrevistados das terças, nas entrevistas *online* predominaram as respostas “de vez em quando” e “raramente”.

Essa constatação faz sentido se olharmos as respostas para a pergunta do que elas gostam de fazer no tempo livre. ‘Ir à praia’(43,7%) ficou à frente de ‘ir a um parque’.

Ambas as alternativas ainda ficaram atrás da opção ‘ficar em casa’(44,3%). A predominância desta resposta se alinha à tendência já assinalada no segundo capítulo, sobre a transição do espaço público coletivo para o espaço íntimo e individual. Com o sistema de redes e o avanço das telecomunicações, a pessoa pode participar de atividades sociais, interagir com outras pessoas e ter acesso a informação sem precisar sair de casa.

4.5.4

O que busca quando vai a um parque: usuários buscam lazer, visitantes esporádicos buscam o contato com a natureza

Enquanto na pesquisa presencial, o esporte e o lazer eram os principais motivos que atraíam as pessoas aos parques, nas entrevistas *online* estes motivos ficaram em segundo lugar. Curiosamente, enquanto o contato com a natureza apareceu em quarto lugar entre as entrevistas presenciais, na enquete *online* ele foi o motivo mais citado.

É interessante observar que a maioria dos termos utilizados para descrever os parques nas entrevistas presenciais faziam referência à natureza e à beleza natural do parque, mas a natureza não foi considerada a principal influência pela escolha de ida ao parque.

4.5.5

Mais pessoas conhecem o Parque do Flamengo

Pode ser percebida uma grande diferença entre o número de internautas que conhecia o Bosque da Barra e o Parque do Flamengo. 98% dos entrevistados que responderam a essa pergunta conheciam o Parque do Flamengo e 82% já tinha ido ao parque ao menos uma vez. Uma grande diferença para o Bosque da Barra, que foi visitado por apenas 28% dos entrevistados.

4.5.6

Palavras para descrever os parques: Longe do parque, os adjetivos negativos tendem a se tornar mais comuns.

Nas entrevistas presenciais, houve uma predominância de termos positivos sobre ambos os parques. Em sua maior parte, foram utilizados termos relacionados às qualidades da ambiência e da beleza natural, como ‘beleza’, ‘agradável’, ‘lindo’ e ‘verde’. No questionário *online*, quando havia um afastamento do local, e portanto uma maior interferência do imaginário da pessoa, foi possível observar uma diferença nos adjetivos utilizados.

Ao descrever o Bosque da Barra, o domínio de termos positivos permaneceu mas houve uma alta incidência dos termos “longe” e “distante”, revelando uma associação negativa relacionada à sua dificuldade de acesso.

O Parque do Flamengo recebeu adjetivos positivos e negativos tanto na entrevista *online* quanto na presencial, mas, enquanto nas entrevistas presenciais os adjetivos de conotação negativa eram principalmente relacionados a questão de manutenção como ‘sujo’, ‘mal cuidado’ ou ‘falta de educação’, no questionário *online* os termos mais salientes foram ‘perigoso’ e ‘inseguro’ demonstrando um contraste e possível distorção de percepções entre habitantes que frequentam e os que não frequentam o parque. Vale ressaltar a recorrência da palavra ‘paz’, entre os entrevistados no local, o que revela um sentimento contrário àquele demonstrado pelas respostas do questionário *online*. A distância do local interfere na percepção das pessoas sobre a realidade, uma vez que a percepção não é apenas influenciada pelo o espaço físico, mas também pelos sentimentos e os anseios das pessoas. Essa observação se relaciona com o estudo de Lynch (1960), já citado na revisão teórica, que concluiu que a cidade não é percebida através de suas formas, mas em função de laços existenciais, práticos e afetivos.

Se, como foi falado no capítulo 2, a imagem projetada pode ser um substituto ou influenciar a realidade, podemos atestar que isso interfere na percepção dos que visitam o parque, já que os termos utilizados pelos internautas mostravam uma divergência da descrição do mesmo espaço. A divergência de opiniões não reflete

apenas a imagem que o parque projeta no espaço virtual e digital, mas também o efeito do distanciamento físico sobre a percepção das pessoas.

4.5.7

Pesquisa na internet

Enquanto nas entrevistas presenciais, as respostas dos visitantes que diziam já ter realizado uma pesquisa sobre o parque na internet ficavam em torno de 10%, no questionário *online* pouco mais de 10,8% disse que não faz pesquisa na internet. Os demais 89,2% disseram que costumam fazer uma pesquisa antes de ir a um local.

Apesar da divergência, é importante ressaltar que as perguntas relativas à pesquisa na internet foram diferentes em cada caso. No parque, perguntamos se as pessoas já tinham feito uma pesquisa online sobre aquele parque específico, enquanto *online* foi perguntado se as pessoas pesquisam um lugar antes de ir de modo geral. O fato de as pessoas que já frequentam o parque terem dito que não pesquisam simplesmente demonstra que aqueles que já usufruem do parque tem uma tendência menor de buscar informações sobre o mesmo parque na internet.

Ou seja, as pessoas que frequentam o parque têm a sua percepção sobre o mesmo mais fundamentada na sua própria experiência do que na identidade do parque projetada nas mídias sociais. A imagem virtual projetada nas redes acaba por influenciar mais aqueles que não frequentam o parque cotidianamente

5

Conclusões

O objetivo do presente trabalho era entender o papel desempenhado pelos parques nas urbes contemporâneas. Para isso, foi efetuada uma grande pesquisa acerca de parques urbanos, analisando analisados exemplos internacionais e dois casos no Rio de Janeiro, considerando os parques no seu espaço local e o virtual.

Pelos exemplos internacionais analisados na revisão teórica, ficou claro que a visão sistêmica no planejamento urbano de áreas verdes é de extrema importância. A proporção de área verde por habitante não deve considerar apenas a dimensão destes espaços, mas sobretudo a sua distribuição pelo território urbano. Métodos para incentivar uma distribuição mais homogênea podem ser implementados através de parques lineares, corredores verdes ou conexões entre áreas verdes pontuais, criando um circuito único onde as pessoas possam caminhar de um parque para o outro.

Outro ponto importante a ser destacado é que o êxito destas abordagens depende fortemente da cooperação entre a população e o órgão gestor. Curitiba, por exemplo, conseguiu preservar e expandir a cobertura verde da cidade através de uma política ambiental consciente. Além de leis que incentivassem a conservação, foram criadas campanhas que envolviam a participação da população. Semelhante ao caso de Londres e Nova Iorque, onde a população não apenas opina, mas também entra em campo e participa ativamente do plantio de árvores e do cultivo local. Quando a população assume um papel ativo e cooperativo na execução de medidas para a melhoria do seu bairro ou comunidade, a sua noção de identidade e o vínculo com o local tornam-se mais fortes. Este sentimento de pertencimento é essencial para garantir a presença das pessoas no local, o que influi diretamente no sentimento de segurança nestes espaços.

Para locais com um patrimônio natural pré-existente, como acontece em Freiburg e no Rio de Janeiro, o papel da conservação é fundamental. A evolução e riqueza das áreas verdes urbanas dependem de um programa de acompanhamento e proteção. Caso contrário, essas áreas tornam-se abandonadas ou viram então foco de exploração do mercado. A partir do momento em que estes espaços se tornam uma

‘terra de ninguém’, eles começam a representar uma insegurança para a comunidade local.

Além da participação, a presença de pessoas é essencial para o sentimento de segurança e pertencimento destes espaços. A acessibilidade é um aspecto vital para garantir o movimento de pessoas. Além da articulação com a rede de transportes, é importante pensar o sistema de parques como uma rede, em termos territoriais, através de soluções como aquela adotada pelo PLANYC, que estipula que todo cidadão deve morar a 10 minutos a pé de um parque. Corredores verdes como os de Singapura ou Seul também são particularmente interessantes neste sentido já que não se tratam de intervenções pontuais - são espaços que atravessam diferentes bairros. Além de garantir uma maior acessibilidade, há uma continuidade na flora e propicia a troca de espécies em migração, como pássaros.

O que se tornou claro, tanto pelas cidades analisadas como pelo resultado das entrevistas, é que as pessoas preferem ir a parques que elas consigam chegar a pé. A visão sistêmica no planejamento urbano, portanto, é fundamental para a acessibilidade e democratização destes espaços públicos.

No Rio de Janeiro, observamos conexões entre os espaços públicos das praias, ao longo da orla. As praias possuem ciclovias que interligam muitas delas umas às outras. O mesmo não acontece com os parques. Dois dos principais parques da cidade, no caso o Bosque da Barra e o Parque do Flamengo, que foram analisados nessa pesquisa, são em cantos opostos da cidade e não possuem qualquer tipo de relação um com o outro. A cidade precisa rever a distribuição e a interligação entre as suas áreas verdes e os parques existentes.

Como as áreas verdes no Rio de Janeiro não são concebidas como um sistema, o que se tornou evidente é que o impacto dos parques no Rio de Janeiro é sobretudo numa escala do bairro. Os principais frequentadores são aqueles que moram no bairro ou em bairros adjacentes. A tipologia linear do Parque do Flamengo colabora para uma maior integração do parque com a malha urbana, tanto que esse é percebido pelos usuários como um espaço ‘democrático’ e a maioria dos entrevistados disse que veio ao parque a pé. Sem contar que 82% dos internautas afirmaram já ter ido ao Parque do Flamengo alguma vez. Embora o Bosque da Barra

atraia um público que more mais longe e que percorra uma maior distância para lá estar, essa dificuldade de acessibilidade acarreta em um número de visitantes muito inferior em comparação ao Parque do Flamengo.

Ao longo desta pesquisa, foi observada repetidamente uma dificuldade em torno da palavra ‘parque’, cujo significado é muito abrangente e genérico. Essa dificuldade foi verificada não apenas nas pesquisas bibliográficas, onde ao fazer uma busca por ‘parque’ vinham resultados abrangentes como ‘parque nacionais’ e ‘unidades de conservação’, mas também nas respostas de entrevistados, que citaram locais como o ‘parque dos patins’ ou ‘parque rio *water planet*’ como parques urbanos dentro da cidade. De fato, quando um mesmo termo é utilizado para descrever áreas tão distintas na cidade, desde o Parque Estadual da Pedra Branca ao Parque dos Patins, esta indefinição resulta em uma confusão e contribui para o desconhecimento geral sobre o assunto.

Pôde ser observado também, entre as cidades estudadas, que muitas delas já estão complementando a experiência do espaço público com o meio digital, seja oferecendo pontos de *wifi*, criando aplicativos ou pela interação nas redes sociais. A esfera pública paralela está sendo cada vez mais explorada a fim de complementar e enriquecer o uso destes espaços. No caso dos parques brasileiros, foi identificada uma clara diferença entre a presença do Bosque da Barra e do Parque do Flamengo na internet. Mesmo que o Bosque da Barra tenha um propósito mais ambiental do que social, e portanto uma menor necessidade de divulgar eventos, uma presença mais ativa do Bosque na internet pode ser um instrumento de educação sobre a importância da preservação ambiental e um maior conhecimento sobre a vegetação local. Um dos grandes desafios desta pesquisa foi encontrar informações sobre as espécies protegidas e conservadas no Bosque da Barra.

Pelo comparativo entre as respostas do questionário *online* e as entrevistas presenciais, ficou evidente um contraste na percepção dos visitantes quando eles estão no parque e quando eles não estão lá. No local, predominaram os termos positivos, tanto no Bosque da Barra quanto no Parque do Flamengo. O Bosque da Barra não recebeu sequer um termo negativo. Nas entrevistas *online*, contudo, surgiram mais adjetivos de cunho negativo. No Parque do Flamengo predominaram

os termos ‘inseguro’ e ‘perigoso’, enquanto o Bosque da Barra foi percebido como ‘longe’ e ‘distante’, o que é coerente considerando que 75% dos participantes do questionário online moram na zona sul.

Foram escolhidos apenas dois parques no Rio de Janeiro – um parque com foco social e outro ambiental. Em um desdobramento desta pesquisa seria interessante comparar os parques já analisados com outros parques, com tipologias semelhantes. Comparar o Parque do Flamengo com a Quinta da Boa Vista e o Bosque da Barra com o Jardim Botânico, por exemplo. Seria interessante observar como as percepções dos usuários se modificariam em parques com um perfil mais parecido.

Também seria interessante voltar e realizar a mesma entrevista nos mesmos parques em outros períodos do ano – outras estações, outros horários, na época das aulas. Inclusive, o ano de 2016 é um ano atípico para a cidade pois além de ser um ano de eleições para prefeito e vereador, também é um ano de olimpíadas, que serão sediadas na cidade. Poderia o espaço e a impressão sobre o mesmo estar modificado em função destes eventos?

Seria interessante conduzir uma pesquisa semelhante com frequentadores das praias, e comparar as respostas com aquelas obtidas nos parques. Perguntá-los com que frequência eles vão a parques e o que os leva a escolher um espaço sobre o outro.

Um outro possível desdobramento para essa pesquisa poderia ser conduzir a mesma análise em parques de outras cidades brasileiras. A partir de uma comparação entre cidades, poderiam ser verificados padrões ou dissonâncias que revelem características da população e cultura de cada cidade. Em uma das idas aos parques, entrevistamos uma moça de Curitiba que trouxe perspectivas e comentários interessantes e distintos de outros usuários cariocas.

Esse trabalho foi importante para entender as principais medidas adotadas para a melhoria dos parques urbanos nas cidades brasileiras, como também para ouvir a opinião do público que frequenta estes espaços. A partir destas entrevistas, pode-se vislumbrar um futuro para as áreas verdes não apenas por suposições, mas pelas reais reivindicações e comentários dos usuários. Se as políticas públicas sobre o meio ambiente e as medidas do órgão gestor forem transparentes e contarem com a

participação da comunidade local, os parques urbanos preservarão um papel fundamental na composição da identidade urbana.

Em relação à chamada ‘identidade carioca’, foi explicitado no início que a identidade é uma soma de muitas partes. Apesar do Rio de Janeiro possuir uma natureza retumbante, a identidade carioca passa por muitas outras áreas. Em uma pesquisa utilizando os termos ‘identidade carioca’ e ‘identidade rio de janeiro’ no *scholargoogle* e nos portais da biblioteca da PUC-Rio, surgem artigos de temas completamente diferentes, desde a favelas e a cidade informal à música, o funk e o samba, o futebol, o carnaval, a malandragem, a orla, a política, a literatura, a língua e o teatro. Dentre tantos assuntos, é difícil distinguir o papel desempenhado especificamente pelos parques. Os parques sem dúvida exercem alguma influência na imagem carioca, assim como todas essas outras áreas. A identidade carioca é na verdade uma soma de todas essas vertentes combinadas.

6

Considerações Finais

Geralmente, os órgãos de planejamento urbano se dedicam à implantação e à qualidade do paisagismo destas áreas verdes. Porém, uma vez que os projetos estão implantados, muitos destes espaços carecem de acompanhamento e manutenção. Um contato direto com o público que frequenta os espaços salienta as questões que mais afetam o usuário, questões por vezes desconsideradas no momento de concepção do projeto.

Pelas entrevistas, ficou evidente a importância da integração dos parques com rede de transportes públicos. O fato do Bosque da Barra não estar bem articulado com a rede de transportes interfere diretamente na frequência dos usuários, que é menos regular, e no fato das pessoas irem ao parque de carro. Mesmo com uma área grande de estacionamento, a principal reclamação dos usuários ainda foi em relação à falta de espaço para estacionar. Ao implantar um parque na cidade, não se deve pensar apenas no espaço interno, mas também na sua integração com a malha urbana.

A articulação do parque com outro tipo de área verde ou espaço natural, como a praia, por exemplo, potencializa o seu impacto na cidade. Uma das grandes virtudes ressaltadas no Parque do Flamengo foi a vista da praia. Se a água tivesse índices mais baixos de poluição e fosse mais própria para o banho, certamente o nível de satisfação seria ainda maior.

Reclamações dos visitantes relativas ao lixo e à poluição na praia demonstram mais uma vez como o trabalho de conservação e manutenção destes espaços pelo órgão público está insuficiente. Tão necessária quanto a criação de novos espaços verdes na cidade, e uma interligação sistêmica entre eles, seria o desenvolvimento de um projeto de manejo e conservação destes espaços depois da sua implantação.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. **Identidade** - Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BEATLEY, T. **Biophilic Cities** – Integrating Nature into Urban Design and Planning. Washington DC: Island Press. 2011
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. 1981. Lisboa: Relógio D'água Editores. 1991.
- BENINI, S. **Áreas Verdes Públicas: A construção do conceito e a análise geográfica desses espaços no ambiente urbano**. Presidente Prudente: UNESP, 2009.
- BRIFFETT, C.; KONG, L.; SODHI, N.; YUEN, B. **Green corridors and the quality of urban life in Singapore**. 4th International Wildlife Symposium. Shaw et al., Eds. 2004
- BRASIL. Decreto nº 400, de 9 de Julho de 1976. Regulamenta os setores especiais de preservação de fundos de vale. **Diário Oficial do Município de Curitiba**, 10 de Julho. 1976. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/lpckj>> Acesso em: Novembro, 2015.
- BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. . **Diário Oficial da União**, 19 de julho. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm> Acesso em: Agosto, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de Julho de 2001. Estatuto da Cidade. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 11 de julho. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm> Acesso em: Janeiro, 2016.
- BRASIL. Lei Complementar nº 111, de 1 de fevereiro de 2011. Dispõe sobre a Política Urbana e Ambiental do Município, institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro e dá outras providências. **Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, RJ. 2 de Fev. 2011. Disponível em: <<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/>> Acesso em: Janeiro, 2016.
- BRASIL. Lei Ordinária nº 4557, de 18 de Janeiro de 1973. Protege e conserva a vegetação de porte arbóreo e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Curitiba**, 19 de Janeiro. 1973. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/pfmlg>> Acesso em: Novembro, 2015.
- BRASIL. Lei Ordinária nº 5234, de 10 de Dezembro de 1975. Modifica a lei nº 4199/72 e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de**

- Curitiba**, 11 de Dezembro. 1975. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/mhpfl>> Acesso em: Novembro, 2015.
- BRASIL. Lei Ordinária nº 7833, de 19 de Dezembro de 1991. Dispõe sobre a política de proteção, conservação e recuperação do meio ambiente, revoga a lei nº 7447/90, o artigo 3º da lei nº 5263/75, e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Curitiba**, 20 de Dezembro. 1991. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/mplkd>> Acesso em: Novembro, 2015.
- CHOAY, F. **O Urbanismo**. Utopias e Realidades – Uma Antologia(1965). São Paulo: Perspectiva. 2005.
- CHIESURA, A. The Role of Urban Parks for the Sustainable City. **Landscape and Urban Planning** n.68 p. 129–138. 2004.
- CRUMLEY, C. L. Historical Ecology: a multidimensional ecological orientation. In.: Crumley, C. L. (Eds). **Historical Ecology: cultural knowledge and changing landscapes**. Santa Fé: School of American Research Press, 1993.
- DEMOGRAPHIA. **Demographia World Urban Áreas**. 11ª Edição. Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.demographia.com/db-worldua.pdf>>, Acesso em 18 de Junho, 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 11ª edição. 1967.
- FRANCE, R. Green World, Gray Heart? The promise and reality of Landscape architecture in sustaining nature. In: **Nature, landscape and building sustainability**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. p. 133-144
- FREIBURG. **Freiburg Rathaus**. Disponível em: <<http://www.freiburg.de/>> Acesso em: 24 de Maio, 2016
- GREGORY, R. **Germany, Freiburg – Green City**. Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.ecotippingpoints.org/our-stories/indepth/germany-freiburg-sustainability-transportation-energy-green-economy.html>> Acesso em: 24 de Maio, 2016
- GUDURIC, I.; TOMICEVIC, J.; KONIJNENDIJK, C.; A comparative perspective of urban forestry in Belgrade, Serbia and Freiburg, Germany. In: **Urban Forestry & Urban Greening**. Ed nº 10. 2011
- GULSRUD, N.M. Green City Branding in Perspective. In: **CityGreen**, 8. Ed. Janeiro 2014. p. 138-143.
- HAGAN, S. **Ecological Urbanism: The Nature of the City**. New York: Routledge. 2015.
- HOWARD, E. A Cidade-Jardim Inglesa. In: CHOAY, F. **O Urbanismo**. Utopias e Realidades – Uma Antologia(1965). São Paulo: Perspectiva. 2005. p.219-228.
- HWANG, K.Y. **Restoring Cheonggyecheon Stream in the Downtown Seoul**. Seoul Development Institute. Seoul. 2007. Disponível em:

- <http://www.globalrestorationnetwork.org/uploads/files/LiteratureAttachments/270_restoring-cheonggyecheon-stream-in-the-downtown-seoul.pdf>
Acesso em: Julho, 2015.
- JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 1961. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- JO, H. **Impacts of greenspace on offsetting carbon emissions for middle Korea**. Division of Architecture and Landscape Architecture, College of Engineering, Angwon National University, Chuncheon. p. 200-701, Seoul. 2001.
- KERR, L. Como reduzir a pegada de carbono de Gotham. In: **Urbanismo Ecológico**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2014. p. 554-559.
- KOOLHAAS, Rem, MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. New York: Monacelli Press. 1995.
- LEE, S.; LEE, K.; JIN, W.; SONG H. Effect of an urban park on air temperature differences in a central business district area. In: **International Consortium of Landscape and Ecological Engineering and Springer**, nº 5. P. 183-191. 2009
- LEFEBVRE, H. **Le Retour de La dialectique: 12 mots clef pour le monde modern**. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. 1960. São Paulo: Martins Fontes. 1997
- MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: Edusp. Coleção Quapá. 2010.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F.G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp. 2010.
- MACEDO, S. S. **Sobre o Paisagismo Brasileiro**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.quapa.fau.usp.br/quapa_desenv/PaisagismoBrasileiro.htm>
Acesso em 04 de Maio, 2016
- MAPAS do Rio de Janeiro: **Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>
Acesso em 31 de Maio, 2016
- MAYOR'S OFFICE OF RECOVERY AND RESILIENCY. **PLANYC**. Disponível em: <www.nyc.gov/planyc>, Acesso em 26 de Outubro, 2014.
- MAYOR OF LONDON. **London Resilience**. Disponível em: <<https://www.london.gov.uk/mayor-assembly/mayor/london-resilience>>, Acesso em: 26 de Outubro, 2014.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Parques e Áreas Verdes**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes>>, Acesso em: Novembro, 2015.
- NPARKS. **National Parks of Singapore** <<https://www.nparks.gov.sg/>>
Acesso em 02 de Maio, 2016
- OLIVEIRA, C.A. Por espaços mais públicos. In: **Revista Vitruvius**. Novembro, 2010. Disponível em:

- <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.124/3656>>, Acesso em 08 de Dezembro, 2014.
- OLIVEIRA, M. A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000). Universidade Federal do Paraná. In: **Revista de Sociologia e Política** nº 16: 97-106 Junho 2001.
- ONU. **World's population increasingly urban with more than half living in urban areas**. Julho 2014. Disponível em: <<http://www.un.org/en/development/desa/news/population/world-urbanization-prospects-2014.html>> Acesso em 02 de Maio, 2016.
- PARQUE DO FLAMENGO. **Site oficial do Parque do Flamengo**. <<http://www.parquedoflamengo.com.br/>> Acesso em 04 de Maio, 2016
- REINKE, A.M.J., **Como perciben el paisaje los habitantes de la ciudad de Xalapa**, Veracruz, México. Xalapa, Veracruz, 2013. 239p. Tese (Mestrado em Ciências) - Inecol - Instituto de Ecologia A.C.
- PURVIS, A. **Freiburg - Is this the greenest city in the world?** In: The Guardian. 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2008/mar/23/freiburg.germany.greenest.city/>> Acesso em: 04 de Maio, 2016
- SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Eds). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p. 12 - 74.
- SILVA. A.T. **História do Paisagismo no Brasil**. Outubro, 2009. Disponível em: <<http://www.lavras24horas.com.br/portal/historia-do-paisagismo-no-brasil/>> Acesso em: 04 de Maio, 2016
- SITTE, C. A Lição da História. In: CHOAY, F. **O Urbanismo**. Utopias e Realidades – Uma Antologia(1965). São Paulo: Perspectiva. 2005. p.206-218.
- SOLÓRZANO, A.; OLIVEIRA, R.R ; GUEDES-BRUNI, R.R. **Geografia, história e ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem**. Ambiente & Sociedade, 06/2009, Volume 12, Número 1. Campinas. Janeiro/Junho 2009.
- UNESCO World Heritage Centre. **Rio de Janeiro: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea**. Julho, 2012. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/news/903/>> Acesso em 02 de Maio, 2016
- WEEN, Camilla. Iniciativa de sustentabilidade em Londres. In: **Urbanismo Ecológico**. Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2014. p. 496-499.

Apêndice

Relato de Visita ao Bosque da Barra – 05 de Janeiro, 2016

Temperatura do Rio de Janeiro (fonte: <http://www.accuweather.com>)

Máxima: 31 Mínima: 20

Horário da visita: 8:30-10:30

O Bosque da Barra é um lote de 50 hectares próximo do encontro das Avenidas das Américas e Ayrton Senna, na Barra da Tijuca. A vegetação local é típica da restinga visto que está assentada sobre uma planície arenosa de origem marinha. Era um dia de verão porém estava relativamente fresco, talvez por conta da grande presença de vegetação e sombra no parque. O parque conta com pistas de corrida que seguem ao longo do perímetro e pelo interior do parque. Devido à proximidade de grandes avenidas, o ruído externo de carros nessa pista externa é maior. Além disso, por conta da proximidade do aeroporto de Jacarepaguá, é frequente ouvir o ruído de aviões pelo parque.

Após uma volta inicial para reconhecimento do local, começamos a fazer as entrevistas. Foram no total realizadas 10 entrevistas nesse período. O critério para escolha dos entrevistados foi entrevistar aqueles que se mostravam abertos a responder o questionário.

1. O primeiro entrevistado era um personal de educação física, que no momento treinava duas alunas. (morador recreio) motivo: trabalho
2. Em seguida, entrevistamos um rapaz entre 18-25 que ia ao parque com frequência para treinar futebol. (morador de campo grande) motivo: esporte
3. Nossa terceira entrevista foi com uma menina que ia ao parque meditar. Motivo: contemplação
4. Depois entrevistamos mais um corredor que tinha se mudado recentemente a barra (barra) motivo: esporte
5. Depois entrevistamos um rapaz que trabalhava com fotografia e estava lá a trabalho. Costuma visitar o parque uma média de 4 x ao ano. (bento ribeiro). Motivo: trabalho
6. Entrevistamos um rapaz entre 18-25 que ia ao parque com frequência para treinar futebol.
7. Entrevistamos um rapaz entre 18-25 que ia ao parque com frequência para treinar futebol.
8. Um pai com esposa e filha que ia ao parque pela primeira vez
9. Uma mãe com marido e filha que ia ao parque pela primeira vez
10. Uma moça que trabalhava no hospital samaritano durante a noite e corria de manhã (caxias).

Observação sobre as respostas:

Dos 10 visitantes entrevistados, as respostas se repetiram com frequência, muitos estavam lá com o mesmo. Grande parte dos frequentadores do parque estavam lá pelo motivo esporte. Dentre estes, predominaram 2 atividades: corrida e o futebol.

Entre os atrativos do parque, muitos corredores comentaram sobre a qualidade da pista de corrida.

Quanto às críticas, aqueles que se incomodaram com a falta de serviços ou infraestrutura ressaltaram a escassez de pontos para beber água, poucos banheiros e a falta de um lugar para lancha.

A maioria dos entrevistados morava na região, em bairros vizinhos ou na própria zona oeste. Dentre estes, o parque que eles mencionavam como mais perto de suas casas era o próprio bosque da barra. Muitos desconheciam outros parques na cidade.

A tendência de buscar o site ou informações sobre o parque na internet eram dos usuários que estavam vindo pela primeira vez no parque ou que tinham se mudado para a barra recentemente.

Relato de Visita ao Bosque da Barra – 10 de Janeiro, 2016

Temperatura do Rio de Janeiro (fonte: <http://www.accuweather.com>)

Máxima: 37 Mínima: 24 _ SOL

Horário da visita: 10:00-12:00

Foram entrevistados 10 pessoas, mesmo número das entrevistas na terça. Foi perguntado a um representante da administração o número de visitantes por dia. Ela informou que não é feito um levantamento no fim de semana mas que durante os dias de semana varia de 30 a 50 pessoas. Pelas nossas estimativas, devem ir cerca de 600 pessoas no fim de semana. Assim sendo, o número de 10 pessoas na terça representaria 20% da população e 1,6% da população de um dia do fim de semana.

Dos 10 visitantes entrevistados na terça, foi percebido que as respostas se repetiram com frequência e muitos estavam lá com o mesmo objetivo. A maior parte dos frequentadores do parque estavam lá pelo motivo esporte. Dentre estes, predominaram 2 atividades: corrida e o futebol. Entre os atrativos do parque, muitos corredores comentaram sobre a qualidade da pista de corrida.

Quanto às críticas, aqueles que se incomodaram com a falta de serviços ou infraestrutura ressaltaram a escassez de pontos para beber água, poucos banheiros e a falta de um lugar para lancha. A maioria dos entrevistados morava na região, em bairros vizinhos ou na própria zona oeste. Dentre estes, o parque que eles mencionavam como mais perto de suas casas era o próprio bosque da barra. Muitos desconheciam outros parques na cidade.

A tendência de buscar o site ou informações sobre o parque na internet eram dos usuários que estavam vindo pela primeira vez no parque ou que tinham se mudado para a barra recentemente.

Já no fim de semana, o público praticante de esporte foi substituído por pessoas que buscavam passar tempo com a família. Mais pessoas vinham de mais longe, mais pessoas relataram estar no parque pela primeira vez e muitos vinham para eventos específicos como aniversários. Além disso, me deparei com muitos grupos de fotógrafos fotografando casais noivos, casais grávidos, aniversários de bebês... Apesar de ter um público maior do que durante a semana, o parque ainda fica relativamente vazio então é possível fazer fotos sem muitas pessoas em volta. A principal reclamação no fim de semana foi a falta de vagas no estacionamento, já que a maioria dos entrevistados veio de carro.

Ao serem perguntados sobre outros parques, muitas pessoas se confundiam, o que mostra uma falta de clareza do termo em si na mente dos visitantes.

Entre os atributos, tanto os frequentadores da semana quanto os do fim de semana ressaltam a natureza e a tranquilidade.

Relato Visita ao Aterro do Flamengo – 24 de Janeiro, 2016

Temperatura do Rio de Janeiro (fonte: <http://www.accuweather.com>)

Máxima: 30 Mínima: 19 _ SOL

Horário da visita: 11:30-13:00

Foram entrevistados 10 pessoas, mesmo número das entrevistas no Bosque da Barra. O critério de escolha para os entrevistados foi de pessoas que se demonstraram disponível a responder o questionário. Enquanto no Bosque da Barra, não houve casos de rejeição, no Parque do Aterro pelo menos duas pessoas se recusaram a participar da enquete.

A faixa etária dos entrevistados variou a partir de 36 anos.

80% dos entrevistados relataram vir a pé e apenas 1 relatou que não morava nos bairros do entorno. Um dado que contrasta com o que foi identificado no Bosque da Barra que, no fim de semana, recebe mais pessoas de lugares mais distantes.

A maior parte dos parques citados que os visitantes conheciam além desse eram parques relativamente próximos como a quinta da boa vista, o parque guinle, parque do palácio do catete.

A maior parte dos entrevistados respondeu que vinha ao parque pelo lazer, que inclui caminhada e ginástica, ou pelo esporte como futebol, corrida e tênis.

A beleza natural ainda foi considerada o principal atributo do parque...tanto em termos paisagísticos quanto as vistas. Além do corcovado e o pão de açúcar, a vista da praia foi frequentemente mencionada como uma das belezas do parque.

A praia, entretanto, também foi identificada por muitos como o grande problema do parque, já que a água é poluída e muitos optam por não mergulhar e/ou não deixam os seus filhos mergulharem.

Outro grande problema foi a falta de segurança mas muitos ainda falaram da falta de educação dos demais visitantes que deixam lixo no parque e não cuidam direito dos seus cachorros. Muitos consideram que a segurança está melhor agora, com mais policiamento, mas não sabem se isso é temporário pelo verão ou por ser ano de olimpíadas.

A insegurança também foi alvo de crítica no Bosque da Barra porém por outros motivos: enquanto no aterro alguns relataram terem presenciado casos de violência, no bosque da barra as pessoas tinham medo por considerar o parque muito deserto. De todo modo, isso evidencia um sentimento geral de insegurança da população que não está apenas atrelado aos parques mas a cidade de modo geral.

Das pessoas que responderam à enquete, 80% disseram que vem ao parque com frequência (semanalmente ou diariamente) e nunca fizeram uma busca sobre o parque online, o que indica que o público que frequenta na semana é o mesmo do fim de semana.

Principais usos observados:

1. Slackline
2. Andando de bicicleta
3. Corrida
4. Fotos profissionais
5. Pesca
6. Stand up paddle
7. Pessoas tomando sol
8. Mergulho na praia
9. Passear cachorro
10. Ginástica (academia do idoso)
11. Vendedor de coco, biscoito, picolé
12. Caminhada
13. Jogos de tabuleiros
14. Jogos de cartas
15. Mesa de Massagem
16. Aluguel de pranchas
17. Descanso

Relato Visita ao Aterro do Flamengo – 26 de Janeiro, 2016

Temperatura do Rio de Janeiro (fonte: <http://www.accuweather.com>)

Máxima: 34 Mínima: 25 _ SOL

Horário da visita: 9:30-11:30

Foram entrevistados 10 pessoas, mesmo número das entrevistas no Bosque da Barra.

O critério de escolha para os entrevistados foi de pessoas que se demonstraram disponível a responder o questionário. Enquanto no Bosque da Barra, não houve casos de rejeição, no Parque do Aterro pelo menos duas pessoas se recusaram a participar da enquete. Durante a semana, as pessoas se demonstram mais dispostas a participar, provavelmente pelo fato de mais pessoas irem sozinhas ao parque durante a semana.

A faixa etária dos entrevistados variou a partir de 26 anos.

70% dos entrevistados relataram vir a pé e apenas 1 relatou que não morava nos bairros do entorno. No caso, ela era do Paraná e estava no Rio de férias na casa da irmã, que fica em Laranjeiras. Ou seja, também estava hospedada em um bairro do entorno. Semelhante ao Bosque da Barra, que durante a semana é mais frequentada por pessoas que moram ou trabalham por perto.

A maior parte dos entrevistados respondeu que vinha ao parque pelo lazer, principalmente caminhada, ginástica e corrida.

A beleza natural ainda foi considerada o principal atributo do parque...tanto em termos paisagísticos quanto as vistas. Além do corcovado e o pão de açúcar, a vista da praia foi frequentemente mencionada como uma das belezas do parque.

Enquanto no fim de semana as pessoas falaram mais do lixo, durante a semana o principal problema identificado foi a insegurança. Provavelmente pelo fato de ter menos pessoas e aparentar estar menos policiado. Muitos consideram que a segurança está melhor agora, com mais policiamento, mas não sabem se isso é temporário pelo verão ou por ser ano de olimpíadas.

Das pessoas que responderam à enquete, 70% disseram que vem ao parque sempre (semanalmente ou diariamente) e nunca fizeram uma busca sobre o parque online, o que indica que o público que frequenta na semana é o mesmo do fim de semana.

Nenhum dos entrevistados estava no parque pela primeira vez.

Questionário Presencial

	Data:						
	Local:						
	Condição climática do dia:						
	Sobre Perfil do Entrevistado						
	Sexo	F	M	Outro			
	Faixa Etaria	menos de 18	18-25	26-35	35-44	45-54	acima de 55
1	Com que frequência você vem a esse parque?	nunca	raramente	De vez em quando	Frequente-mente	sempre	
2	Em que bairro você mora?						
3	Como você vem para esse parque?	metrô	ônibus	carro	bicicleta	a pé	
4	Qual é o parque mais perto da sua casa?						
5	Que outros parques você conhece no Rio?						
6	Que atividades você realiza quando vem ao parque?	lazer	esporte	contemplação e descanso	contato com a natureza	estar com amigos e família	
	Sobre Percepção do Parque						
7	O que você mais aprecia nesse parque?	proximidade	segurança	facilidade de acesso	atrativos do parque	preço	Biodiversidade
8	O que te incomoda nesse parque?	musica	lixo	falta de manutenção	falta de serviços	Insegurança	pouca gente
9	3 palavras para descrever o parque:						
	Como você avalia:						
10	segurança	ruim	bom	ótimo			
11	sombra	ruim	bom	ótimo			
12	calor	ruim	bom	ótimo			
13	mosquito	ruim	bom	ótimo			
14	silêncio	ruim	bom	ótimo			
15	você já acessou o site do parque ou segue em rede social?						

Questionário Online

Olá!

Estou realizando uma pesquisa sobre parques urbanos no Rio de Janeiro. O objetivo é entender o perfil do carioca e como a sua percepção interfere na imagem do parque para a cidade. A sua participação é muito importante e o questionário é bem rápido de responder - só 5 minutinhos.

Para continuar, clique no botão abaixo. Muito obrigada pela sua contribuição!

1. Você é carioca ou mora na cidade do Rio de Janeiro?

- Sim
- Não

2. Qual é o seu sexo?

- Feminino
- Masculino

3. Qual é a sua idade?

- Menos de 18 anos
- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- Acima de 55 anos

4. Em qual bairro você mora no Rio de Janeiro?

5. Qual é o parque mais perto da sua casa?

6. Cite 2 outros parques você conhece no Rio de Janeiro.

7. Com que frequência você costuma ir a parques?

- Nunca
- Raramente (ex. 1 vez por ano)
- De vez em quando (ex. 4 vezes ao ano)
- Frequentemente (ex. 1 vez por mês)
- Sempre (ex. 1 vez por semana)

8. O que você busca quando vai ao parque? (escolha até 2 respostas)

- Descanso
- Esporte ou Lazer
- Estar com amigos e família
- Contato com a natureza
- Trabalho
- Outros

9. O que é um diferencial para a escolha de um parque? Enumere de 1(mais importante) a 6 (menos importante).

- Proximidade de casa ou do trabalho
- Segurança
- Facilidade de acesso por transporte público
- Atrativos e serviços do parque (café, restaurante, centro cultural...)
- A natureza
- Preço de entrada

10. Você conhece o Bosque da Barra?

- Não conheço
- Conheço mas nunca visitei
- Conheço e já visitei o parque

11. Cite 2 palavras para descrever o Bosque da Barra

12. Você conhece o Parque do Flamengo?

- Não conheço
- Conheço mas nunca visitei
- Conheço e já visitei o parque

13. Cite 2 palavras para descrever o Parque do Flamengo

14. O que você gosta de fazer no seu tempo livre? (escolha até 2 opções)

- Ficar em casa
- Usar os espaços comuns do seu condomínio
- Ir a praia
- Ir a um parque
- Ir a um clube
- Ir a academia de ginástica
- Ir ao shopping, museu ou ao cinema

15. Antes de ir a algum lugar, você costuma fazer uma busca sobre o local na internet?

- Sim
- Às vezes
- Não